

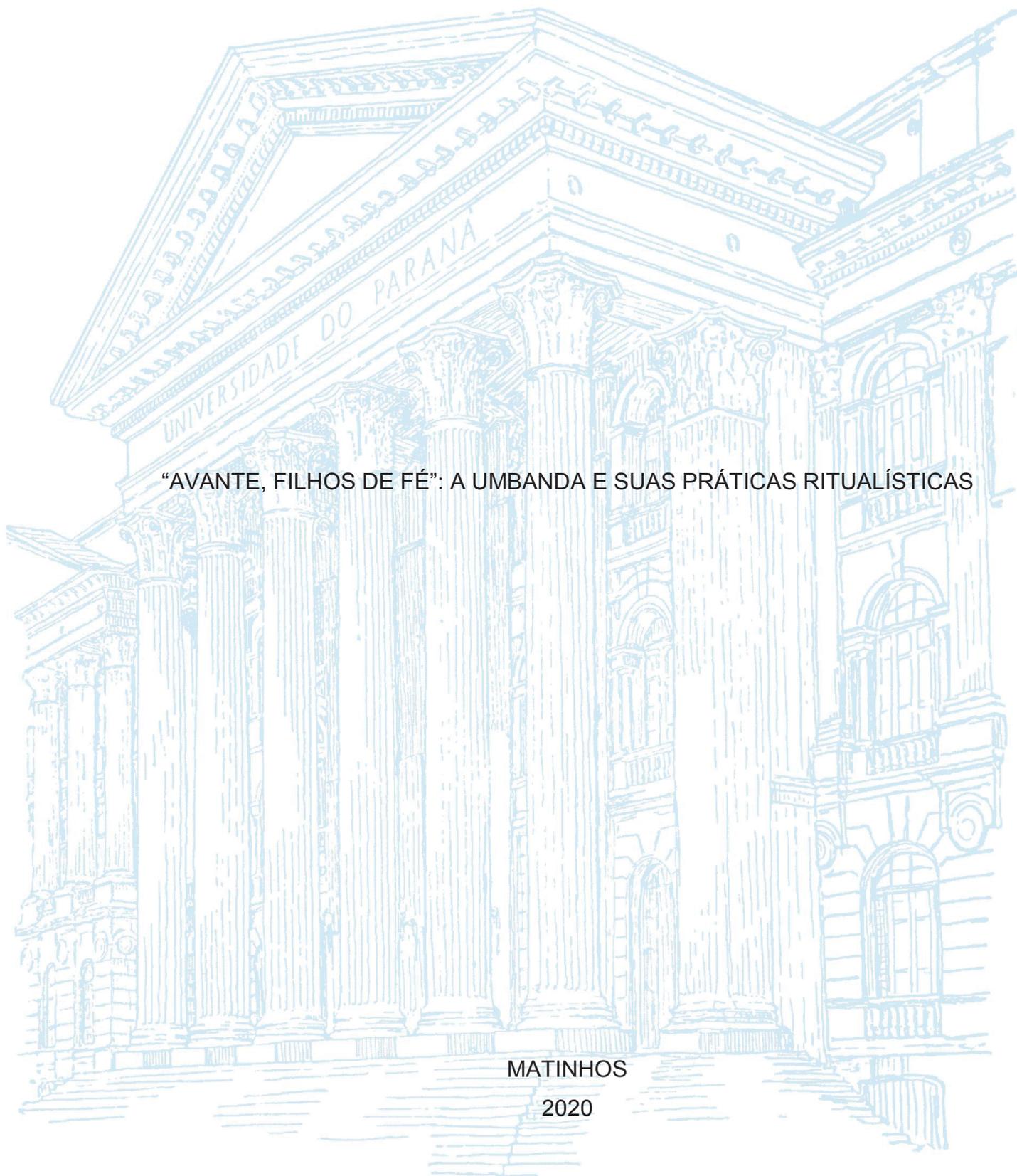
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ADRIANA CRISTINA ZIELINSKI DO NASCIMENTO

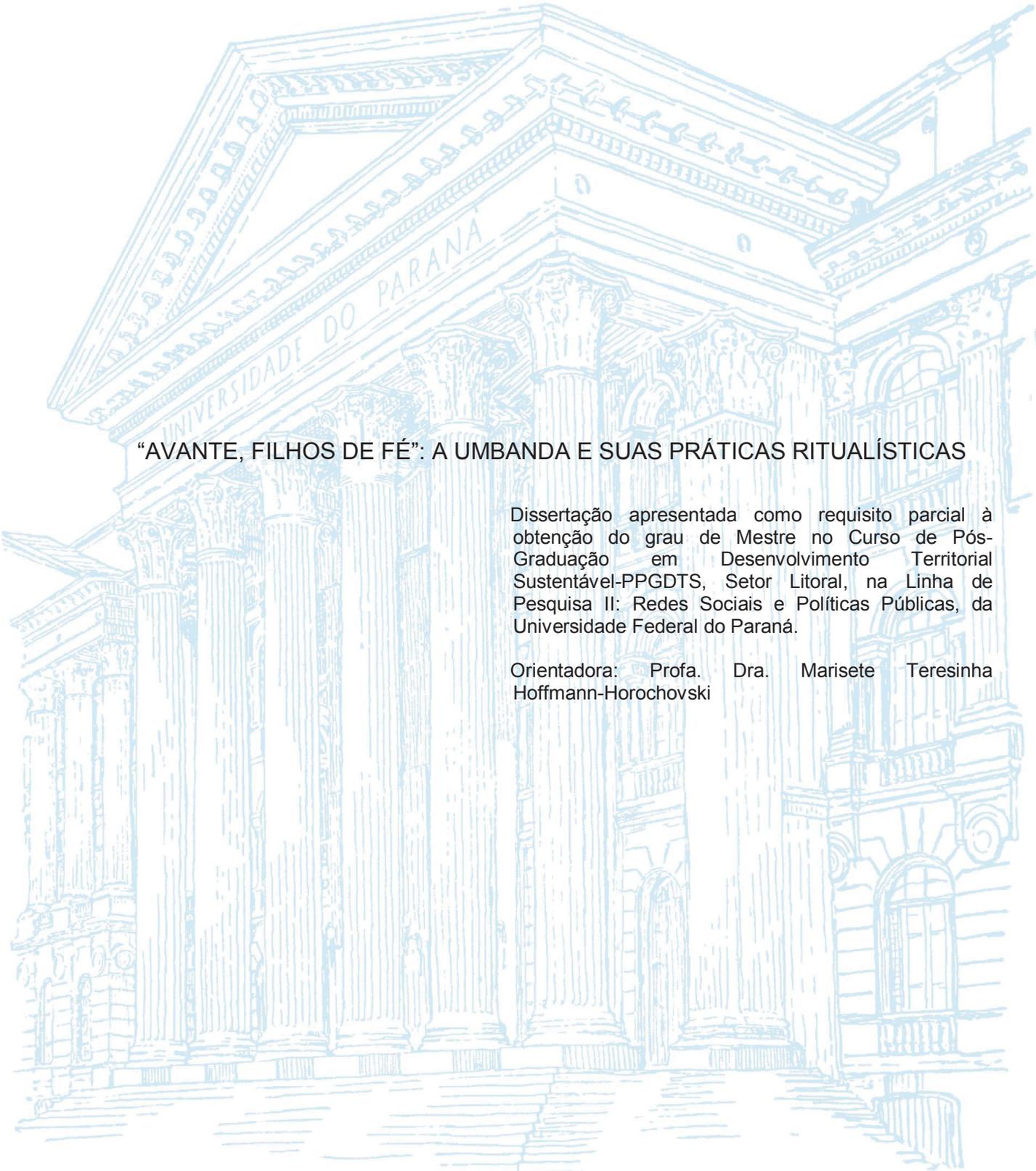
“AVANTE, FILHOS DE FÉ”: A UMBANDA E SUAS PRÁTICAS RITUALÍSTICAS

MATINHOS

2020



ADRIANA CRISTINA ZIELINSKI DO NASCIMENTO



“AVANTE, FILHOS DE FÉ”: A UMBANDA E SUAS PRÁTICAS RITUALÍSTICAS

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável-PPGDTS, Setor Litoral, na Linha de Pesquisa II: Redes Sociais e Políticas Públicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski

MATINHOS

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

N244 Nascimento, Adriana Cristina Zielinski do
"Avante, filhos de fé": a umbanda e suas práticas ritualísticas / Adriana Cristina Zielinski do Nascimento ; orientadora Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski. – 2020.
100 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, Matinhos/PR, 2020.

1. Umbanda. 2. Cultura afro-brasileira. 3. Ervas – Umbanda. 4. Plantas – Umbanda. I. Dissertação (Mestrado) – Programa do Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável. II. Título.

CDD – 299.6

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de ADRIANA CRISTINA ZIELINSKI DO NASCIMENTO intitulada: "AVANTE FILHOS DE FÉ": A UMBANDA E SUAS PRÁTICAS RITUALÍSTICAS, sob orientação da Profa. Dra. MARISETE TERESINHA HOFFMANN HOROCHOVSKI, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 20 de Março de 2020.

Assinatura Eletrônica
25/03/2020 08:47:45.0

MARISETE TERESINHA HOFFMANN HOROCHOVSKI
Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
26/03/2020 16:32:28.0

LUIS EDUARDO CUNHA THOMASSIM
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
25/03/2020 12:38:17.0

HERTEZ WENDEL DE CAMARGO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico este trabalho

Ao Almir, meu marido, pelo amor, compreensão, companheirismo e incentivo na realização e conclusão desta pesquisa.

Ao Alexandre e Bruna, filho e filha, razão da minha existência, dos quais roubei momentos valiosos de afeto para que conseguisse terminar minha “tarefa”.

À Teresa, minha mãe, que com sua força, ensinou-me a ser persistente para que meus desejos pudessem tornar-se realidade.

AGRADECIMENTOS

Manifesto minha gratidão a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa e de forma particular:

À professora Dra. Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski que percebeu minha paixão pela temática desta pesquisa e, pacientemente, orientou-me na elaboração deste trabalho, discutindo questões de extrema importância para meu caminho como pesquisadora. Ensinou-me a perguntar, refletir e duvidar do que era “certo”.

À minha ancestralidade, aos Orixás, à Tia Maria, ao Seu Flecha Dourada e ao Seu Tranca Rua das Almas.

HINO DA UMBANDA

♪ Refletiu a Luz Divina
Com todo seu esplendor
Vem do reino de Oxalá
Aonde há paz e amor
Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no mar
Luz que veio de Aruanda
Para nos iluminar

Umbanda é paz e amor
Um mundo cheio de Luz
É força que nos dá vida
E a grandeza nos conduz

Avante, filhos de fé
Como a nossa lei não há
Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá

Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá

(Autor: José Manoel Alves, 1960)

RESUMO

A presente pesquisa de mestrado desenvolvida sobre a religião de Umbanda, teve como objetivo identificar suas práticas ritualísticas, seus espaços sagrados e sua relação com o meio ambiente. O intuito principal é saber como são utilizadas as ervas e plantas dentro da religião e como são transmitidos e apreendidos os conhecimentos relacionados aos rituais sagrados, partindo do princípio de que a Umbanda é inspirada por vertentes de diferentes matrizes religiosas (católica, espírita, africana e indígena) e com forte relação com a natureza. Essa relação pode ser percebida, por exemplo, nos seus espaços sagrados que vão além dos seus templos, estendem-se para os espaços da natureza (rios, matas, cachoeiras, praias, pedreiras, encruzilhadas, cemitérios), que se tornam uma extensão dos seus locais de práticas ritualísticas. De caráter qualitativo, o estudo utilizou como técnicas de coleta de dados a observação participante e entrevistas com dirigentes e adeptos de três terreiros localizados em Curitiba. A escolha dos terreiros pesquisados ocorreu por um deles estar entre os mais antigos de Curitiba; outro possuir uma liderança feminina; e, um terceiro, ser dirigido pelo atual presidente da Federação de Umbanda do Estado do Paraná. Nos resultados obtidos, observamos que a Umbanda é constitutivamente plural, diversa, e apesar de utilizar materiais, conceitos e preceitos de outras religiões, construiu sua própria identidade. A ação terapêutica, oportuniza os frequentadores a receberem atendimento para seus problemas, visa o tratamento de doenças e de outros problemas (financeiros e emocionais, entre outros) por meio de acolhimento e escuta, formando uma espécie de rede de apoio aos que buscam ajuda no espaço sagrado desta religião. Os conselhos espirituais e o benzimento são normalmente intermediados pelos médiuns do terreiro com suas entidades espirituais incorporadas. Estas entidades espirituais, quando consideram necessário, fazem uso das plantas e ervas medicinais visando a manutenção/cura da saúde física e espiritual do indivíduo, tendo a natureza como força mobilizadora da religião, representando suas divindades e resguardando suas crenças.

Palavras-chave: Umbanda. Ervas e plantas medicinais. Rituais religiosos. Políticas públicas.

ABSTRACT

The present master's research developed on the Umbanda religion, aimed to identify its ritualistic practices, its sacred spaces and its relationship with the environment. The main purpose is to know how herbs and plants are used within religion and how knowledge related to sacred rituals is transmitted and learned, based on the principle that the Umbanda is inspired by strands of different religious backgrounds (Catholic, Spiritist, African and indigenous) and with a strong relationship with nature. This relationship can be seen, for example, in its sacred spaces that go beyond its temples, extend to the nature spaces (rivers, forests, waterfalls, beach, quarries, crossroads, cemeteries), which become an extension of their places of ritual practices. In a qualitative character, as data collection techniques the study used participant observation and interviews with leaders and supporters of three terreiros located in Curitiba. The choice of the researched terreiros occurred because one of them was among the oldest in Curitiba; another has female leadership; and, the third one, is directed by the current president of the Umbanda Federation of the State of Paraná. In the results obtained, we observed that the Umbanda is constitutively plural, diverse, and despite using materials, concepts and precepts from other religions, the religion built its own identity. The therapeutic action gives the regulars the opportunity to receive care for their problems, aims at treating diseases and other problems (financial and emotional, among others) through reception and listening, forming a sort of support network for those seeking help in the sacred space of this religion. Spiritual advice and blessing are usually intermediated by the mediums of the terreiro with their spiritual incorporated entities. These spiritual entities, when considered necessary, make use of medicinal plants and herbs aiming at the maintenance/cure of the individual's physical and spiritual health, having nature as the mobilizing force of religion, representing their divinities and safeguarding their beliefs.

Keywords: Umbanda. Herbs and medicinal plants. Religious rituals. Public policy.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – DOCUMENTO DE REGISTRO DE FUNDAÇÃO DO TERREIRO	44
FIGURA 2 - PAI DE SANTO EM ORAÇÃO NO TERREIRO	48
FIGURA 3 - O TERREIRO DE UMBANDA TIA MARIA.....	49
FIGURA 4 - TERREIRO E ADEPTOS NO INÍCIO DE SESSÃO	50
FIGURA 5 - ACOLHIMENTO COM BENZIMENTO.....	54
FIGURA 6 - GIRA DE PRAIA	55
FIGURA 7 - OFERENDA DE PRAIA	57
FIGURA 8 - GIRA DE MATA.....	58
FIGURA 9 - OFERENDA DE MATA.....	59
FIGURA 10 - OFERENDA DE MATA.....	59
FIGURA 11 – OFERENDA QUE AGRIDE O MEIO AMBIENTE.	60
FIGURA 12 - TOQUE DO ATABAQUE	70
FIGURA 13 - BATIZADO NA UMBANDA	71
FIGURA 14 - CASAMENTO NA UMBANDA	72

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – DESCRITORES: UMBANDA E TERRITÓRIOS	40
QUADRO 2 – TERREIROS PESQUISADOS	44

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - POPULAÇÃO RESIDENTE, POR ANO X RELIGIÃO	16
TABELA 2 – QUANTIDADE DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS DAS RELIGIÕES ...	39
TABELA 3 – ORIXÁ, SUA COR, CAMPO DE ATUAÇÃO E SINCRETISMO	56
TABELA 4 – PRINCIPAIS ERVAS UTILIZADAS NA UMBANDA.....	65

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	UMBANDA: HISTÓRIA, TERRITÓRIOS, CONHECIMENTOS E DOCTRINAS	20
2.1	BREVE HISTÓRIA DA UMBANDA.....	23
2.2	TERRITÓRIOS DE UMBANDA	26
2.3	CONHECIMENTOS E DOCTRINAS	33
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	36
3.1	CAMINHOS DA PESQUISA	38
3.1.1	COLETA DE DADOS	42
3.2	CAMPO DA PESQUISA	44
4	RESULTADOS DA PESQUISA	48
4.1	PRÁTICAS RITUALÍSTICAS E LOCAIS SAGRADOS	67
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS.....	81
	GLOSSÁRIO.....	85
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	87
	APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	88
	APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA DIRIGENTES E ADEPTOS DE TERREIROS	89
	ANEXO 1 – CARTA MAGNA DA UMBANDA	91

1 INTRODUÇÃO

“Vou abrir minha Jurema,
Vou abrir meu Juremá,
Com a licença dos nossos guias
E do meu Pai Oxalá”.
(Cantiga popular de Umbanda)

A Umbanda é identificada como uma religião brasileira monoteísta, inspirada pelas vertentes de diferentes matrizes religiosas (africana, indígena, católica e kardecista), que se fundamenta na existência de um deus único que pode ser chamado de *Olodumarê*¹, *Olorum*, *Zambi*², *Nhanderu*³ ou mesmo com a nomenclatura Deus.

Contudo, além da veneração por um deus supremo, são cultuados os Orixás⁴ e entidades espirituais que fazem contato com o mundo terreno por meio de seus adeptos⁵, com o intuito de ajudar durante os rituais, como por exemplo, os benzimentos e o uso das ervas medicinais.

Dos Orixás, conforme Ortiz (1999), derivam sete linhas da Umbanda, formada por espíritos (entidades espirituais) que obedecem a um dos Orixás (Oxalá, Iemanjá, Iansã, Oxum, Ogum, Xangô, Oxóssi, Ossain, Oxumarê, Nanã Buruque, Obá, Obaluaê). Estas linhas, também chamadas de falanges (agrupamentos de espíritos que possuem a mesma vibração), são divididas e subdivididas, formando de cada uma, sete falanges, e assim sucessivamente. As energias de cada falange, vem de um determinado Orixá e são repassadas para seus adeptos com o intuito de ajudar aos que procuram pelos terreiros de Umbanda.

¹ Nas religiões com descendência de nação Iorubá, o ser supremo é Olódùmarè, que vive numa dimensão paralela à nossa, conhecida como Òrun (céu). Por isso, também é chamado de Olórun, Senhor do Òrun, ou Olorum. É o Criador do Òrun e do Àiyé(terra), o universo conhecido ou ainda desconhecido por nós (SILVA, 2005).

² Nas religiões de matriz africana que segue a nação de Angola, Zambi significa e/ou equivale a Deus.

³ Na vertente indígena Guarani, Nhanderú, significa Deus.

⁴ Orixás são divindades tidas como elementos da natureza, e cada Orixá representa uma força da natureza, como ancestrais divinizados que se transformaram em rios, árvores, pedras etc. e que fazem de intermediários entre os homens e as forças naturais e sobrenaturais.

⁵ Adeptos – ao mencionar a denominação adeptos, estamos falando dos médiuns de Umbanda, e/ou os iniciados na religião, que seguem os rituais do terreiro e as doutrinas aplicadas pelos dirigentes (mãe ou pai de santo).

Na Umbanda, não existe a incorporação de Orixás, mas de falangeiros de Orixás, que são espíritos evoluídos, também chamados de entidades espirituais que vêm trabalhar nas giras de Umbanda utilizando os adeptos para o contato com o sagrado.

Vale esclarecer um pouco mais quanto à formação das falanges na Umbanda. Numa determinada falange pode haver centenas de espíritos atuando com o mesmo nome e são denominados falangeiros de Orixás, por exemplo, do Orixá Oxóssi, existe uma falange, o da Cabocla Jurema, que é constituída de milhares de espíritos que adotam o mesmo nome. Então sob o comando de um espírito, existem mais sete e de cada um derivam mais sete, portanto, é uma quantidade enorme de espíritos que se utilizam da mesma nomenclatura. Por isso, pode ocorrer a manifestação de centenas de Caboclas Juremas ao mesmo tempo, em diversos terreiros, inclusive dentro da mesma gira de um terreiro.

As giras de Umbanda são sessões realizadas nos inúmeros territórios, a começar pelos terreiros, templos religiosos. Seus espaços sagrados, vão além dos seus templos, para os espaços da natureza, entendendo que cada Orixá é protetor de um destes espaços, como rios, matas, cachoeiras, praias, pedreiras, encruzilhadas, cemitérios, como uma extensão dos seus locais de práticas ritualísticas. Apresentam em suas práticas e relações cotidianas, diversos saberes, sem obedecer, estritamente, a matriz hegemônica ocidental, principalmente das religiões cristãs, trazidas como elemento cultural do branco europeu.

Este discurso hegemônico, historicamente decorrente do processo de colonização, corrobora para que a sociedade, inclusive no que tange a educação, hierarquize saberes.

Com o propósito de romper com este discurso hegemônico, dando voz aos que historicamente foram invisibilizados na nossa sociedade, houve a criação da Lei nº 10.639/2003 que alterou a Lei nº 9394/1996 (que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional) para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Esta lei preconiza que no conteúdo programático esteja o estudo da História da África e Afro-brasileira, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica, política e religiosa, pertinentes à História do Brasil.

Nesta dinâmica de saberes, o caráter subjetivo e particular do espaço sagrado, fundamental para a compreensão de sua construção, talvez seja, uma de muitas possibilidades de abordagens e desenvolvimentos de pesquisas relacionadas a história e cultura afro-brasileira. Neste texto, abordaremos especificamente a religião de Umbanda.

Ao longo do estudo, procuramos responder as seguintes perguntas:

- Nas suas práticas ritualísticas, os umbandistas agregam contribuições de uso e preservação do meio ambiente?

- De que forma ocorre a transmissão dos conhecimentos doutrinários da religião de Umbanda?

Para tanto, nos colocamos o desafio de analisar a Umbanda, suas práticas ritualísticas, sua relação com o meio ambiente e seu(s) espaços(s) sagrado(s). Interessa igualmente refletir sobre a utilização das ervas e plantas dentro da religião e sobre como ocorre a transmissão e apreensão dos conhecimentos relacionados aos rituais.

Outra intenção da nossa pesquisa é de, a partir das análises, avaliar a necessidade de apontar a construção de políticas públicas e planos locais para os povos de terreiro. O que, neste contexto, poderia contribuir para romper a invisibilidade, reafirmar a identidade, respeitar o território e o reconhecimento do direito de manifestar a religiosidade e cultivar o sagrado da forma que escolher.

Desta forma, a fim de aprofundarmos o estudo relacionado a temática proposta, buscamos mais informações quanto ao número de umbandistas no Brasil, por meio de pesquisas desenvolvidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), com o intuito de analisar o crescimento de seguidores da religião de Umbanda.

Partimos da hipótese de que muitos umbandistas preferem se dizer católicos ou espíritas devido a diversas razões, relacionadas geralmente à intolerância religiosa, o que dificulta identificar o real número de umbandistas no Brasil.

Vale ressaltar que, até 1966, os adeptos da religião de Umbanda eram classificados pelo IBGE como espíritas (conforme Anuário Estatístico de 1966). A partir desse ano o número de adeptos da religião espírita diminuiu na medida que começa a ter um número de umbandistas, o que anteriormente não ocorria. Em 1966 havia 758.209 espíritas e 185.442 umbandistas, mas três anos depois a

quantidade de espíritas tinha caído para 633.386 e os umbandistas somavam 302.952.

Outro motivo da dificuldade de conhecer o número de umbandistas no Brasil está relacionado ao fato de muitos adeptos frequentarem duas religiões e, em pesquisas oficiais, se identificarem com outras que não sejam as religiões de matriz africana (BASTIDE, 1971). Ainda assim, conforme pode ser observado na tabela 1, constatamos o crescimento da Umbanda nos últimos anos e sua consolidação como uma religião de importância cultural para a história brasileira.

TABELA 1 - POPULAÇÃO RESIDENTE, POR ANO X RELIGIÃO							
2000							
Total	Católica Apostólica Romana	Evangélicas	Espírita	Umbanda Candomblé	Umbanda	Candomblé	Outras declarações de religiosidades afro-brasileira
169872856	124.980.132	26.184.941	2.262.401	Não há	397.431	127.582	Não há
2010							
Total	Católica Apostólica Romana	Evangélicas	Espírita	Umbanda Candomblé	Umbanda	Candomblé	Outras declarações de religiosidades afro-brasileira
190755799	123.280.172	42.275.440	3.848.876	588.797	407.331	167.363	14.103

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do IBGE (2000, 2010)

Linaires, contudo, sublinha o crescimento umbandista que “conta hoje com mais de 40 milhões de adeptos só no Brasil” (LINARES, 2008, p. 47).

Importante salientar que o crescimento da religião, independentemente do número exato de seguidores, trouxe maior visibilidade e levou, a então presidente Dilma Rousseff, a sancionar a Lei 12.644/2012 que estabelece o dia 15 de novembro como o Dia Nacional da Umbanda.

Dando continuidade a pesquisa, realizamos um levantamento bibliográfico a fim de identificar as pesquisas científicas já existentes e disponibilizadas em banco de dados com o objeto aqui discutido, constatamos poucas pesquisas com a temática, conforme demonstraremos ao longo do texto.

Em seguida, efetuamos observação participante, durante cinco meses, em três terreiros localizados na cidade de Curitiba, os quais pudemos acompanhar, além dos rituais e crenças, relações sociais e as formas de apreender nos espaços sagrados de Umbanda. Ressaltamos que um dos terreiros pesquisados está entre os mais antigos de Curitiba; outro possui uma dirigente mulher; e outro é dirigido pelo atual presidente da Federação de Umbanda do Estado do Paraná.

Nestes locais, aproveitamos para fazer entrevistas semiestruturadas com dirigentes e adeptos da religião. Tivemos a oportunidade de observar, tanto as atividades e rituais executados dentro dos terreiros como em outros locais considerados sacros pelos umbandistas, como mata, praia, cachoeira, pedreiras, encruzilhadas, cemitérios. Experiências que geraram frutos para a discussão desta pesquisa, o qual descreveremos nos resultados.

Vale salientar que a escolha e construção do tema desta pesquisa tem intrínseca relação com a história pessoal desta pesquisadora, relatada brevemente aqui.

Meu nascimento se deu numa família de adeptos da religião de Umbanda, portanto, segui o mesmo caminho. Anos depois, minha mãe apresentou outras religiões a fim de que eu tivesse conhecimento de outras formas de professar a fé.

Como a religião católica — hegemônica dentro do processo histórico — persistia, fui matriculada nos cursos de catequese disponibilizado pela igreja. Contudo, continuava a frequentar a religião de Umbanda, junto com meu pai, minha mãe, tias e avó materna, mesmo participando de rotinas religiosas da Igreja, que acontecia como uma espécie de protocolo social. Vivenciava a Umbanda no cotidiano e semanalmente assistia aos rituais e participava, principalmente nos momentos de receber os benzimentos.

Como adepta aos 17 anos, iniciei, com o acompanhamento da Mãe de Santo, as incorporações espirituais, a fim de ajudar as pessoas que procuravam o local para alguma ajuda. Continuo até então, com a mesma religiosidade. Atualmente como Mãe de Santo, dirigente do Terreiro de Umbanda Tia Maria, sigo aprendendo e ensinando de forma oral e geracional, assim como aprendi com as minhas mais velhas e meus mais velhos, diferente do formato das religiões hegemônicas.

A vivência espiritual me instigou a conhecer mais sobre a religiosidade, cientificamente falando. O objetivo era obter maior conhecimento, conhecer a

Umbanda por meio do pensamento científico, com a intenção de divulgar e difundir esse conhecimento trazendo visibilidade para temática e, quiçá, atuando para combater estereótipos e preconceitos.

Durante a pesquisa, me senti dividida entre a umbandista que, desde o ventre materno, vive o sagrado e a pesquisadora inquieta que observa, participa, reflete e questiona. Todavia, o desejo de aprender ainda mais sobre a temática Umbanda, somada às inquietações pelos preconceitos vividos e sentidos neste percurso, se tornaram o fio condutor para buscar, por meio da pesquisa acadêmica, maior visibilidade e aprofundamento nas discussões.

Discutir a Umbanda estando inserida neste universo, não foi tão simples, assim. Com o intuito de desnaturalizar, tive que ter um cuidado metodológico redobrado. Neste percurso, estabeleci múltiplas pertencas e mesmo estando como pesquisadora, minha subjetividade estava marcada pelas minhas experiências vivenciadas nos espaços sagrados.

Como ter objetividade na pesquisa, se tudo para mim era naturalizado desde o nascimento? Como estranhar os fatos e comportamentos, identificar ritos, analisar e interpretar os fatos observados, se tudo fazia e faz parte do meu cotidiano, integra minha subjetividade?

Foi então que recebi orientação para estudar dois textos clássicos da antropologia brasileira, que abordavam questões as quais me defrontava. O primeiro de Roberto DaMatta, O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues” e o segundo de Gilberto Velho, Observando o familiar. Nestes dois artigos publicados na década de 1970, aprendi lições importantes para a pesquisa. Pude perceber que o caminho que pretendia fazer (de estudar o que me é familiar) era apresentado por esses autores como práticas possíveis e necessárias para a produção acadêmica.

O texto de Velho (1978) discute a prática de tornar o familiar em exótico, estranho, na pesquisa antropológica. O autor inicia sua argumentação apontando que parte considerável da comunidade acadêmica partilha da ideia de que existe um envolvimento inevitável entre pesquisador e objeto de estudo, mas que isto não constitui um defeito ou imperfeição.

Nestas leituras e estudos, pude detectar que esta condição de proximidade com o objeto, me trazia vantagens e desvantagens como pesquisadora. Se por um lado o rigor e cuidado metodológico era redobrado, por outro lado o fato de ser umbandista trazia vantagens para a pesquisa, a facilidade de ser “de dentro”,

facilitava o acesso aos espaços sagrados, adeptos e rituais dos terreiros pesquisados. Sem contar que muitas vezes utilizo minha experiência como umbandista na pesquisa, trabalhando inclusive com algumas imagens do meu próprio acervo que traduzem momentos importantes dos rituais religiosos.

Porém, durante a observação participante, encontrava alguns desafios. Um deles era de manter a postura crítica e objetiva ao observar que os rituais são semelhantes, mas também apresentam diferenças importantes. Isso causava certo estranhamento, apontando, portanto, uma Umbanda plural, com uma diversidade de ritos, ao qual procuro descrever cuidadosamente no decorrer do trabalho.

Feitas essas observações, destacamos que é neste contexto de uma Umbanda plural e das experiências vivenciadas, que temos a hipótese de que esta religião fornece elementos capazes de possibilitar uma reflexão passível de englobar, numa só base explicativa, diversas esferas constituintes da realidade social brasileira. Para tanto, observamos a necessidade de delimitar a nossa pesquisa e optamos por fazer uma análise dos locais sagrados, dentro e fora dos terreiros⁶ de Umbanda, conhecendo e entendendo mais sobre os encaminhamentos ritualísticos desta religião, bem como seus territórios considerados sagrados.

Ao longo do estudo, procuramos trabalhar com as interpretações e análises, a partir dos dados pesquisados, que apresentaremos neste texto.

Organizamos nosso texto de forma que no capítulo dois, após essa breve introdução, apresentamos a história da Umbanda, seus territórios sagrados, conhecimentos e doutrinas utilizados e, ao mesmo tempo, elencamos as categorias teóricas que norteiam esse trabalho. As nossas categorias de análise são: o sagrado (ROSENDHAL, 2003) que nos permite entender a religiosidade da Umbanda em suas peculiaridades e suas características; o Espaço e território (DENARDIN, 2016), (SAQUET, 2008), (BARROS, 2008), (SANTOS, 2008) que são categorias que nos permitem compreender também a materialização da Umbanda e o terreiro (MALOMALO, 2007); meio ambiente (SACHS, 1986), que nos permite fazer a análise do objeto no campo relacionado com o nosso programa de pesquisa.

No terceiro capítulo descrevemos brevemente a metodologia de pesquisa, de caráter qualitativo, os caminhos percorridos, as técnicas utilizadas para a coleta de

⁶ Nesta pesquisa utilizaremos o termo terreiro para indicar o espaço físico dos cultos, sinônimo de tenda, casa, cabana, barracão, centro.

dados e quais os procedimentos utilizados para a análise dos dados. Ainda na metodologia, delineamos o campo da pesquisa, com a descrição de cada um dos três terreiros pesquisados, bem como de cada espaço/território sagrado dentro da religião da Umbanda.

No quarto capítulo, apresentamos os resultados da pesquisa, abordando as práticas ritualísticas da Umbanda, seus locais sagrados, bem como o uso das ervas e plantas e a relação com a natureza. Procuramos detalhar cuidadosamente esses locais, destacando desde o papel desempenhado pelas ervas até o cântico com o toque de atabaques, com a incorporação mediúnica e os benzimentos.

Transitamos por locais considerados sagrados pelos umbandistas que vão desde o terreiro até espaços da natureza, como mata, rio, praia, cachoeira. Por meio de narrativas e fotos do acervo dos entrevistados e desta pesquisadora, apresentamos alguns recortes do universo umbandista, e dentre eles destacamos uma lista de ervas e plantas medicinais utilizadas nos rituais. Finalizamos o capítulo, colocando a academia num papel colaborativo, que por meio da pesquisa, indicando políticas públicas que apontam maior atenção e cuidado com o meio ambiente, além de segurança e orientação jurídica aos povos de terreiro.

Por fim, tecemos as considerações finais, destacando a importância de trabalhos como esse que se dedica a resgatar e refletir sobre uma religião que integra a cultura brasileira e resiste, a despeito das adversidades, celebrando a diversidade e com forte apelo de cuidado e preservação da natureza.

2 UMBANDA: HISTÓRIA, TERRITÓRIOS, CONHECIMENTOS E DOCTRINAS

O processo de globalização, que visa aumentar os lucros, que é o que move os capitais produtivos ou especulativos de mercado, normalmente torna culturas esquecidas ou até destruídas.

Por globalização entendemos o fato de vivermos cada vez mais num “único mundo”, pois os indivíduos, os grupos e as nações tornaram-se mais interdependentes. (GIDDENS, 2008, p.68).

Ou seja, é um processo de homogeneização cultural sem, geralmente, o devido respeito a cultura de determinados grupos. Neste modelo expansionista do capital, normalmente os recursos naturais são pouco respeitados e tratados como

ilimitados, onde ecossistemas inteiros correm o risco da destruição em nome do progresso, supostamente para a melhoria da população e que na verdade visa o lucro de uma minoria.

De acordo com Amartya Sen (2011, p. 263), o crescimento econômico deveria estar relacionado com a melhoria de vida dos indivíduos e com o fortalecimento das “liberdades”. Para o autor,

[...] a expansão da liberdade é vista como o principal fim e principal meio do desenvolvimento: consiste em eliminar tudo o que limita as escolhas e as oportunidades das pessoas. (SEN, 2011, p. 263).

Em sua obra, Sen indica serviços de educação e saúde e direitos civis como bons exemplos de fatores ou agentes promoventes de liberdades, a falta destes fatores são as consequências que agravam os danos para a humanidade que vem sofrendo pelas ações incentivadas por este sistema capitalista que nos coloca em um panorama nada animador.

Conforme Celso Furtado (2013, p.171):

A ideia de desenvolvimento como mito por um sistema que destrói recursos naturais, agrava disparidade de renda e tende ainda a produzir uma homogeneização cultural danosa. (FURTADO, 2013, p.171)

Esta ideia do mito do desenvolvimento econômico tem a ver, com a observação de que este modelo da economia em expansão destrói e degrada o meio ambiente, porque crescendo a economia, não quer dizer que teremos desenvolvimento. Furtado (2013, p.63) denuncia “uma civilização consumista que sempre está em busca de mais serviços e recursos da natureza, de forma depredadora e empobrecedora da biosfera”. Chama o Produto Interno Bruto (PIB) de “vaca sagrada dos economistas”, por conter definições e arranjos mais ou menos arbitrários, sem contar com o cálculo dos impactos ou custos ambientais, pois o processo de desenvolvimento tem um considerável custo ecológico.

Nesse contexto, o autor trata ainda do empobrecimento cultural, a destruição de culturas e a homogeneização cultural.

As elites, como que hipnotizadas, voltam-se para os centros da cultura europeia [...] O povo reduzido a uma referência negativa, símbolo do atraso, atribuindo-se significado nulo à sua herança cultural não europeia e recusando-se valia à sua criatividade. (FURTADO, 2013, p.20).

O mito do desenvolvimento econômico é questionado pelo autor, bem como essa homogeneização da cultura. Afinal, existem diferentes culturas que vivenciam diferentemente a relação com a economia e com a natureza. E é neste contexto que podemos situar, por exemplo, a Umbanda e o Candomblé, que resistem em sua heterogeneidade cultural e que possuem uma relação bem próxima com a natureza.

O Candomblé e a Umbanda são religiões de matriz africana que apresentam, não obstante, diferenças entre elas. No Candomblé, durante o processo de escravização, existia no Brasil, o culto aos Orixás, trazidos da África. Na África acontecia como um culto familiar, conforme seus reinos ou tribos, era como se cada território pertencesse a um Orixá. Estas tradições foram trazidas por diversos grupos de povos africanos e misturados aqui, que assim cultuavam seus rituais buscando resgate dos aportes religiosos e culturais africanos.

De forma geral, a diferença básica entre estas religiões é que o Candomblé tem um culto afro brasileiro e a Umbanda é uma religião brasileira que agrega influências dos cultos afro brasileiros, porém invoca outras crenças como católica, indígena e kardecista. As duas, no entanto, ainda que com rituais diferentes, acreditam e cultuam os Orixás, que são divindades que representam a força da natureza.

Nesse sentido, os adeptos da religião de Umbanda, por acreditarem que seus Orixás são divindades da natureza, demonstram ser sujeitos conscientes da sua dependência em relação ao meio ambiente e do seu futuro.

Vale ressaltar a necessidade dos recursos naturais para toda a humanidade, conforme afirma Sachs (1986, p. 12) ao mencionar a importância de perceber que os “recursos naturais existem em quantidades finitas”.

Essa relação com a natureza é evidenciada também nos locais sagrados da Umbanda, qual sejam: terreiro, mata, praia, rio, cachoeira, pedreira, campina etc. Nas práticas e relações cotidianas, diversos saberes relacionados ao cuidar da natureza, são observados e respeitados, sem estar restrito à matriz hegemônica ocidental.

Dito isso, optamos neste momento em apontar, ainda que brevemente, os caminhos históricos e as discussões já existentes relacionadas à temática Umbanda, com o intuito de melhor compreendê-la, em sua história e cultura.

2.1 BREVE HISTÓRIA DA UMBANDA

No séc. XVII havia uma religião conhecida como Calundu⁷, que utilizava a prática de curandeirismo com o uso de ervas, além de métodos de adivinhação e possessão. Seus praticantes tinham conhecimento de várias técnicas medicinais, mesclavam costumes e conhecimentos africanos, portugueses e indígenas, principalmente ao utilizarem ervas e produtos naturais, muito semelhante ao que é cultuado na Umbanda dos séculos XX e XXI. (BASTIDE, 1971).

No final do século XIX, sobretudo nas práticas e rituais religiosos dos negros, originários dos povos bantos escravizados e trazidos para o Brasil, encontravam-se muitos elementos da Umbanda. Na religião denominada Cabula, o dirigente do culto era chamado de *embamba*, o que, possivelmente, influenciou o termo Umbanda. Outro nome que já era utilizado na religião cabula e ainda encontramos na Umbanda é *Cambone*, cargo de auxiliar o dirigente do culto. Também na religião Macumba, o termo *umbanda* designava o chefe dos cultos e uma de suas linhas ritualísticas de culto (RAMOS, 1940).

Não obstante, existe uma discussão quanto a origem da religião da Umbanda no Brasil, relacionada diretamente ao “problema do surgimento” (GIUMBELLI, 2002, p.196), que mobilizou e ainda mobiliza diversas opiniões entre os umbandistas e pesquisadores da temática. Vale salientar que apesar de existirem variações interpretativas, a Umbanda surge com esta nomenclatura num período situado entre o final do século XIX e início do século XX.

Neste intervalo de tempo aconteceram mudanças importantes no Brasil, como a proclamação da República e a abolição da escravatura, por exemplo, nas duas últimas décadas do século XIX. De acordo com Ortiz (1999), no Rio de Janeiro essas transformações propiciaram, entre outras, um contato entre os elementos rituais dos cultos sincréticos chamado “macumba” com o espiritismo kardecista⁸, que havia chegado ao Brasil na segunda metade do século XIX. Sublinha-se que esse contato ocorreu primeiramente nas camadas mais pobres da população, mas logo depois também na classe média, e que dessa junção de ritos teria surgido a

⁷ Calundu – religião de matriz africana cultuada no século XVII, com rituais semelhantes ao da Umbanda (BASTIDE, 1971).

⁸ Kardecismo ou espiritismo é uma doutrina que alia ciência, filosofia e religião, estabelecida no século XIX, por Denizard Hippolyte Leon Rivail, conhecido como Alan Kardec (ORTIZ, 1999).

Umbanda. É também esse contexto que dá origem ao que se tem chamado entre os pesquisadores de “mito de fundação” da religião, expressão utilizada por Brown (1985) e Giumbelli (2002).

A versão mais comum que circula entre os umbandistas é de que um jovem de dezessete anos, chamado Zélio Fernandino de Moraes, começou a ter estranhas paralisias ou ataques, e, que tanto a doença quanto a cura vieram de forma repentina e inexplicável. Em busca de uma explicação para esses fatos, foi levado em uma reunião kardecista, na Federação Espírita em Niterói, no município que morava. Neste mesmo dia, 15 de novembro de 1908, Zélio incorporou⁹ uma entidade espiritual com o nome de Caboclo das Sete Encruzilhadas, que decretou o nascimento da nova religião, que receberia entidades de índios e negros, comumente não bem-vindas na mesa kardecista que as consideravam espíritos que ainda não haviam evoluídos.

Negrão (1996), ao falar sobre o surgimento da Umbanda, diferencia o espiritismo kardecista em “alto” e “baixo” Espiritismo, destacando que este último está mais relacionado com as práticas de matriz africana.

O “alto” Espiritismo seria, portanto, a religião protegida pelo Estado, culto semelhante aos demais e livre, inspirado nos nobres princípios da caridade, envolvendo pessoas instruídas de elevada condição social. O “baixo” Espiritismo seria a prática de “sortilégios”, de feitiçaria e curandeirismo enquadráveis no Código penal, despido de moralidade e motivado por interesses escusos, envolvendo pessoas desclassificadas socialmente e ignorantes. É óbvio que as práticas mágico-religiosas de origem negra se enquadravam dentro desta última categoria. (NEGRÃO, 1996, p.57).

As fontes das informações que fundamentam esses relatos históricos não são precisas. Todavia envolvem depoimentos de Zélio Fernandino de Moraes, familiares e seguidores da religião em entrevista para a pesquisadora Diana Brown (1985, p.10) no final da década de 1960. Principal referência que trata a “história da Umbanda” em texto acadêmico, Brown (1985) não consegue comprovar que Zélio tenha sido de fato o fundador da Umbanda. No entanto, os únicos terreiros encontrados no Brasil, foram a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, fundada

⁹ Incorporação: fenômeno mediúnico, transe que de acordo com Linares (2018, p. 96-99), é “a faculdade que determinadas pessoas têm de poder, até mesmo, emprestar seu corpo físico a um espírito desencarnado [...] para que este possa, por meio daquele, manifestar-se, comunicar-se pelo transe mediúnico”.

pelo próprio Zélio, além de outras sete tendas fundadas pelos umbandistas que frequentaram a referida Tenda.

Se por meados de 1720 já existia no Brasil um culto que trazia o sincretismo e elementos indígenas, portugueses e africanos, que tinha como objetivo realizar curas, adivinhações e limpezas espirituais; que tinham em seu ritual músicas e danças embaladas ao som de atabaques¹⁰, com a incorporação de entidades espirituais, então como afirmar que a Umbanda nasceu no século XX?

Prandi (1991) faz uma interessante leitura desse nascimento.

A Umbanda que nasce, retrabalha os elementos religiosos incorporados à cultura brasileira por um estamento negro que se dilui e se mistura no refazimento de classes numa cidade que, capital federal, é branca, mesmo quando proletária, culturalmente européia, que valoriza a organização burocrática da qual vive boa parte da população residente, que premia o conhecimento pelo aprendizado escolar em detrimento da tradição oral, e que já aceitou o Kardecismo como religião, pelo menos entre setores importantes fora da igreja católica (PRANDI, 1991, p.49).

A Umbanda valendo-se de maleabilidade e sincretismo religioso, ressignificada de acordo com os acontecimentos culturais e conflitos enfrentados, adaptou-se e ainda procura se adaptar às transformações sociais, políticas e econômicas no berço que se instalou, o Brasil. É uma religião brasileira, pautada no ajuste das diversas práticas religiosas, que se constituiu com as perspectivas de matriz africana, a influência indígena, católica e kardecista.

Assim, Verger (1999) afirma a multiplicidade de influências da Umbanda:

A Umbanda é uma religião popular tipicamente brasileira, que apresenta um caráter universalista que engloba principalmente em seu corpo doutrinário cinco influências: africana, católica, espírita, indígena e orientalista (VERGER, 1999, p.193).

A influência africana é perceptível no culto aos Orixás, divindades que representam as forças da natureza; a católica está presente no uso de imagens e símbolos sincretizados, a exemplo de Santa Bárbara que representa Iansã, orixá dos ventos, raios e tempestades; a espírita kardecista, também conhecida como mesa branca, com estudos e doutrinas, concepção de evolução, manifestação de espíritos; a indígena, por sua vez, com pajelança e sabedoria no uso de ervas

¹⁰ Atabaque é um instrumento de percussão musical com origem afro brasileira, considerado sagrado na religião de Umbanda e Candomblé, serve para dar ritmo aos cânticos durante as sessões.

utilizadas para a cura; o orientalismo com a concepção de energias e chacras; por fim, a Umbanda também utiliza conhecimentos ciganos como cristais e outros elementos (CUNHA JUNIOR, 2009).

Portanto, pode ser constitutivamente plural, e apesar de utilizar materiais, conceitos e preceitos de outras religiões, construiu sua própria identidade. A princípio, por suas raízes africanas, essa religião foi taxada de religião de negros e há muito tempo mal vista pela sociedade em que o racismo ainda insiste em manter suas raízes, mesmo após 130 anos de abolição.

Por estar inserida neste contexto de relações de poder, de preconceito social e religioso, muitas vezes é alvo de intolerância. Nesse sentido, Munanga (2001, p.32) argumenta que: “Qualquer proposta de mudança em benefício dos excluídos jamais receberia um apoio unânime, sobretudo quando se trata de uma sociedade racista”. Ainda há uma falta de interesse de grande parte das pessoas em transpor o processo de racismo e preconceito.

O preconceito, racial e religioso, é uma das hipóteses de que agressões vêm acontecendo para os participantes e visitantes destes locais, onde os terreiros são apedrejados e até queimados. É um movimento constante, onde o interior é ameaçado e o exterior é ameaçador, esta condição aponta o terreiro como a representação de uma pequena sociedade cujas fronteiras territoriais estão sempre sendo ameaçadas.

A preocupação ainda é maior quando observamos que a maioria dos terreiros são adaptações ou aproveitamento de algum espaço da própria casa dos dirigentes, portanto sua casa, acaba se transformando em um terreiro, isso faz com que os espaços profanos e sagrados se misturem, não sendo totalmente delimitados.

2.2 TERRITÓRIOS DE UMBANDA

Pensar o terreiro como um território sagrado implica, num primeiro momento, definir o que entendemos por território. Conforme Denardin (2016 p. 55), o “território não pode ser entendido como um espaço político-administrativo com delimitações geográficas precisas”, mas como uma construção social constante a depender de seus atores sociais.

Conceituando território, recorremos a Saquet (2007) que afirma que:

[...] território é resultado e determinante da unidade (econômico, político e cultural), inscrevendo-se num campo de forças de relações socioespaciais. O território é produto e condição da territorialização. Os territórios são produzidos espaço-temporalmente pelo exercício do poder por determinado grupo ou classe social, ou seja, pelas territorialidades cotidianas. As territorialidades são, simultaneamente, resultado, condicionantes e caracterizadoras da territorialização e do território. (SAQUET, 2007, p. 127).

Tivemos a compreensão, a partir da pesquisa baseada na leitura de Rogério Haesbaert, (2007) que o território é sempre múltiplo, diverso e complexo. Portanto, o território é funcional e simbólico, onde o funcional é tido como recursos de proteção e abrigo e o simbólico como identitário.

Afirma Haesbaert (2007, p. 45) que:

[...] a identidade territorial só se efetiva quando um referencial espacial se torna elemento central para a identificação e ação política do grupo, um espaço em que a apropriação é vista em primeiro lugar a partir da filiação territorial, e onde tal filiação inclui o potencial de ser ativada, em diferentes momentos, como instrumento de reivindicação política. (HAESBAERT, 2007, p. 45).

Quanto a abordagem sobre a identidade territorial, Rosendahl (2003, p.195) discorre sobre a importância do estudo do território nas sociedades modernas e nas tradicionais, bem como sua historicidade, pois, segundo a autora, é o território que favorece o exercício da fé e é por meio dele que se encarna a relação simbólica que há entre a cultura e espaço.

[...] A dimensão política do sagrado permite conhecer múltiplas estratégias espaciais existentes entre religião e espaço. O estudo da territorialidade tem significado tanto para as sociedades modernas quanto para aquelas que permanecem tradicionais. O espaço assume uma dimensão simbólica e cultural onde se enraizam seus valores e através do qual se afirma a sua identidade. (ROSENDAHL, 2003: p.194).

O terreiro é, nesse sentido, um espaço produzido pelos umbandistas no exercício de sua fé, na manifestação religiosa que representa a territorialidade e a identidade de um grupo, que se constrói socialmente a partir de suas crenças e práticas ritualísticas.

Para Saquet (2011, p. 15),

O território é constructo social, a partir das diferentes formas de uso e apropriação do espaço geográfico, histórico e relacional, multiforme e multidimensional, formado, sobretudo nas relações de poder. (SAQUET, 2011, p.15).

Os terreiros são territórios, tidos como espaços sagrados para os umbandistas, é como uma igreja que tem seus ritos e a propagação da fé, a diferença está na forma de culto. Os umbandistas cantam rezando ou rezam cantando, na maioria das vezes ao som de atabaques. Isso talvez seja um fator que, além de todo preconceito por ser uma religião de matriz africana, ainda tem o agravante deste ruído, que em alguns lugares a comunidade ao seu entorno se sente incomodada.

Segundo Barros (2008, p. 56),

Ao contrário das igrejas cristãs, que ocupam pontos de destaque na geografia urbana, os terreiros de umbanda são difíceis de serem encontrados, o que é compatível com o lugar social dessa religião na sociedade. (BARROS, 2008, p.56).

A Umbanda tem seus rituais normalmente a tarde ou a noite e acontecem no mínimo semanalmente, mas alguns terreiros chegam a ter sessões diárias. Talvez o preconceito, a falta de conhecimento sobre as religiões afro-brasileiras de forma geral, aliado ao som de atabaques, seja o motivo de que recebam constantes visitas de fiscalização de meio ambiente e policiais em função de denúncias por causa de seu funcionamento. Inclusive, existe a tentativa da extinção dos terreiros de Umbanda por parte de alguns grupos religiosos, especialmente igrejas neopentecostais, que objetivam expandir seus territórios.

Nesse sentido, Prandi (2004) destaca a estratégia expansionista que visa o fechamento de terreiros em região de instalação da igreja.

[...] a derrota das religiões afro-brasileiras é item explícito do planejamento expansionista pentecostal: há igrejas evangélicas em que o ataque às religiões afro-brasileiras e a conquista de seus seguidores são práticas exercidas com regularidade e justificadas teologicamente. Por exemplo, na prática expansiva de uma das mais dinâmicas igrejas neopentecostais, fazer fechar o maior número de terreiros de umbanda e candomblé existentes na área em que se instala um novo templo é meta que o pastor tem que cumprir (PRANDI, 2004, p.230).

O fim dos terreiros significaria a morte de uma cultura, aqui entendida na perspectiva de Giddens (2008, p.38):

Cultura refere-se aos modos de vida dos membros de uma sociedade, ou de grupos pertencentes a essa sociedade: inclui o modo como se vestem, as suas formas de casamento e de família, os padrões de trabalho, cerimônias religiosas e atividade de lazer (GIDDENS, 2008, p.38).

A Umbanda faz parte e participa como instituição incorporada no cotidiano brasileiro. Seu território vai muito além dos limites do terreiro, sendo uma religião que tem seus fundamentos doutrinários em defesa da natureza, se apropria de diversos espaços do seu entorno a fim de realizar seus rituais, atuando como defensora da natureza.

As plantas, como outros fenômenos e objetos da natureza, são consideradas sagradas e possuem um papel fundamental na estrutura litúrgica do culto: desde os banhos de ervas nos rituais de iniciação, o batismo dos tambores, a lavagem de contas, a oferenda de alimentos, até os banhos de purificação e os remédios vegetais prescritos pelos sacerdotes. (OLIVEIRA, 2007, p.81).

Com isto, observamos a importância da natureza para a manutenção da religião de Umbanda, dentro e fora do terreiro. Assim, apesar das adversidades e preconceitos, a Umbanda sobrevive com sua história e cultura:

[...] o imaginário umbandista se alimenta, exatamente no fato de mergulhar tão profundamente na realidade brasileira, de buscar a partir daí sua fonte de inspiração, transformando em símbolos figuras do nosso cotidiano popular que sofreram (e ainda sofrem) as formas mais desprezíveis de preconceito, mas que, apesar de tudo, possuem as qualidades e atributos necessários para ajudar aqueles indivíduos que os procuram todos os dias nos terreiros. (BARROS, 2004, p.26).

Os terreiros, como territórios ou espaços sagrados¹¹ da Umbanda, fazem parte da história brasileira. De uma história de luta, resistência e diversidade social, cultural, étnica e religiosa.

O conceito de espaço, na perspectiva de Santos (2008, p.46), retrata que é:

[...] algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente. (SANTOS, 2008, p. 46).

É notório que o espaço ocupado pelos terreiros umbandistas, é alvo de preconceitos, oriundos do desconhecimento de suas crenças e da mística construída

¹¹ O conceito de espaço sagrado não é unânime entre os especialistas da área. Pereira (2015, p. 145-146) enfatiza que: As articulações e debates metateóricos sobre espaço sagrado evidenciam a amplitude conceitual, metodológica e pragmática que o termo evoca nas discussões acadêmicas. Tanto entre os religiosos como entre acadêmicos, a noção de espaço evoca uma miríade de sentidos e formas, bem práticas e humanas ou puramente teológicas e espirituais.

historicamente que associa seus elementos sagrados com feitiços e magias. Esses preconceitos, principalmente no âmbito discursivo, não são difíceis de serem observado. Noções que foram construídas historicamente e apreendidas nas relações de poder entre os sujeitos.

Para seus frequentadores, contudo, o terreiro é como o “centro do mundo”. Nesse sentido a noção de espaço sagrado implica na ideia da “hierofania”, conceito utilizado por Eliade (1993) que anula os limites concretos e estabelece vínculos de transcendência, da manifestação do sagrado, consagrando-o e “transfigurando-o, em resumo, isolando-o do espaço profano à sua volta” (ELIADE, 1993, p.295).

O homem religioso faz a transição entre o tempo profano e o sagrado, por meio dos ritos. O tempo sagrado é um tempo mítico que se torna presente por meio das festas religiosas, quando eventos sagrados do passado são atualizados no presente. Portanto, o homem religioso atravessa o tempo profano atingindo o tempo mítico. Sendo assim, o tempo sagrado torna-se ilimitadamente repetido, ou seja, a cada festa repetida, “reencontra-se na festa a primeira aparição do Tempo sagrado, tal qual ela se efetuou na origem” (ELIADE, 1993, p. 64). O homem religioso busca, através da linguagem dos ritos, retornar a um Tempo sagrado, podendo fugir temporariamente, assim, daquilo a que Eliade chama de presente histórico.

A participação nesse espaço durante o tempo dos rituais religiosos, a aproximação com o sagrado, fortalece a fé e torna os indivíduos mais fortes para voltar ao mundo profano e enfrentar as dificuldades e obstáculos presentes na vida cotidiana.

O “sagrado” existe, como escreveu Eliade (1993), em oposição ao profano:

O profano e o sagrado constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história. (ELIADE, 1993, p. 20).

A consciência religiosa depende do reconhecimento do sagrado, e a negação da identidade religiosa é o mesmo que não reconhecer sagrado algum.

Destarte, a religiosidade é parte da identidade de cada um, com seus rituais em seus espaços sagrados.

Os terreiros são considerados, pelos umbandistas, territórios com força vital, chamado de axé. Este deve ser conservado e transmitido para os adeptos de forma oral e geracional. Ou seja, os mais novos aprendem com os mais velhos a forma de

preservar e cultivar a sua forma particular de fé e a conservação do terreiro, enquanto territorialidade e construção/manutenção de identidade. (MALOMALO, 2007).

Cada dirigente, denominado Mãe ou Pai de Santo, ensina e prepara seus adeptos para realização de seus ritos de acordo com o aprendizado adquirido anteriormente com o seu mais velho. Talvez este seja o ponto crucial para explicar a existência de tantas variações nos cultos umbandistas. Cabe salientar que todos os grupos de Umbanda são sujeitos a diversas influências culturais, mas o processo de assimilação ou não destas influências está ligada diretamente à forma de organização interna de cada dirigente.

O local designado para o ritual umbandista está impregnado de simbolismo religioso, passa a ser um território simbólico consagrado aos orixás (divindades africanas) e outras divindades, a depender da forma de culto que cada dirigente ensina.

Para Barros (2008, p.59), o terreiro é:

O ponto de encontro dos homens com seus “guias”. A terra dos homens opõe-se à terra dos orixás, o terreiro, porque nela se dá esse encontro dos homens com seus deuses, simbolizando também nos pontos de encontro da natureza, pois o terreiro é também como se pode perceber, mar, cachoeira, rio, caminhos, matas, florestas, encruzilhadas, ruas e cemitério (BARROS, 2008, p.59).

O conceito de sagrado para as religiões cristãs tem, de forma mais comum, o sagrado como fixo e nunca misturado ao profano (ROSENDHAL, 2003). Em contrapartida, a Umbanda possui uma noção de sagrado flexível, provavelmente pelas práticas religiosas e suas ligações com a natureza. Todo o ritual umbandista pode acontecer dentro do terreiro ou em uma praia, uma cachoeira, em um campo, mesmo ao lado de pessoas passando e observando. A natureza para o umbandista é tida como a morada dos Orixás, as divindades do panteão africano.

O espaço do terreiro, portanto, ultrapassa seus muros, ocupando uma territorialidade que inclui a natureza. Os adeptos desta religião valorizam o meio ambiente, pois é do meio ambiente que emana a força de sua existência. Muito além de ser um “espaço social, mítico, simbólico”, conta com a natureza e seus seguidores, que se unem para viver uma realidade diferente da sociedade de fora do terreiro (BARROS, 2008, p.59).

Os umbandistas agregam importantes contribuições de uso e preservação do meio ambiente, se opondo à filosofia da dominação tão disseminada pela sociedade ocidental, onde a função dos atores sociais é de subjugar a natureza, utilizando-a como se ela tivesse seus “recursos infinitos para o uso” (SACHS, 1986).

Pela dependência que tem do meio ambiente, para manutenção e sobrevivência, as religiões de matriz africana e indígena como a Umbanda, o utilizam com respeito e preservação, pois uma das características desta religião é a relação com seus Orixás (divindades afro-brasileiras) e os elementos da natureza. Existem divindades ligadas às águas (Iemanjá, Oxum, Nanã Buruque), às matas ou florestas (Oxóssi, Ossain), aos ventos (Iansã), ao fogo (Xangô), à terra (Omulu, Obaluaê, Nanã Buruque). É um processo relacional de estreita ligação do homem com a natureza e os Orixás são as representações ou até mesmo a materialização dela.

O cuidado com a natureza é um fator preponderante na religião de Umbanda. No entanto, quanto aos seus espaços, é interessante destacar que, muitas vezes os terreiros são invisíveis aos olhos de leigos, de não seguidores da religião em foco. Diferente das igrejas cristãs que ocupam pontos de destaque no território urbano, os terreiros são difíceis de ser localizados em função do lugar social que ocupa esta religião na sociedade.

Estes espaços delimitados são compreendidos a partir das relações de poder, onde a territorialidade baseia-se no comportamento das pessoas e na rede de lugares que ocupam em suas trajetórias e seus rituais. Conforme Rosendahl:

Territorialidade religiosa, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território. Sendo assim, a territorialidade engloba, ao mesmo tempo, as relações que o grupo mantém com o lugar sagrado (fixo) e os itinerários que constituem seu território (ROSENDAHL, 2003, p. 195).

Esta territorialidade se constitui, além dos seus rituais religiosos, de relações sociais que prevê a transmissão, de forma oral, dos conhecimentos e doutrinas referentes ao saber da tradição religiosa, que desde as crianças até os mais velhos tem para ensinar. Cabe salientar que o umbandista valoriza sempre o mais velho pelo seu saber acumulado de suas experiências, temática que apresentaremos a seguir.

2.3 CONHECIMENTOS E DOUTRINAS

Junto com a religião de Umbanda, por meio do povo negro, veio uma gama de informações culturais, como línguas, religiões, costumes, práticas culinárias, tecnologias, enfim muitos conhecimentos que foram desprezados pelos brancos colonizadores, como se fosse algo atrasado, primitivo. No entanto, primitivo, conforme Querino (2006, p.46) pode ser compreendido como “aquilo que vem em primeiro lugar, a origem de tudo”.

Na Umbanda, a origem de tudo vem do respeito ao saber do mais velho. A importância em vislumbrar esses valores no cotidiano umbandista onde se encontra o resgate e manutenção dos saberes populares que lhe dão forma, mas que historicamente foram invisibilizados pela epistemologia eurocêntrica. Reconhecer a complexidade do universo simbólico umbandista nos dá acesso a conhecimentos que descontroem o imaginário colonial racista. Assim, Gomes (2002) destaca que:

Existe uma enorme e incomensurável ignorância em relação à África, sua história, sua cultura e seus povos. Essa ignorância não é construída no vazio, mas é fruto de racismo, do mito da democracia racial, de uma imagem distorcida e/ou mitificada sobre a África que aprendemos a construir nessa sociedade. Mudar essa visão é desencadear um processo educativo na sociedade brasileira em relação às nossas referências ancestrais africanas, valorizando-as como formadoras da nossa sociedade. (GOMES, 2002, p. 3).

O legado africano é imenso no Brasil. Em tempos coloniais, os africanos e afrodescendentes não abandonaram sua cultura e religiosidade, muito embora não podiam expressar-se livremente pela condição de escravizados.

A dificuldade deste resgate, se dá pelos processos baseados na hierarquização dos sujeitos com base em princípios coloniais de racialização, como aponta Florestan Fernandes e Roger Bastide (2008, p.59), “a cor negra foi selecionada como marca racial que serviria para identificar socialmente aqueles que deveriam ocupar os níveis mais baixos da organização social”, ou seja, o racismo, que pode manifestar, ainda hoje, de diversas formas, por exemplo, a dificuldade ou a invisibilização da história e cultura Africana e Afro brasileira nas escolas, entre tantas outras.

Na tentativa de mudanças desta visão distorcida de África em concomitância ao mito da democracia racial¹², observou-se a necessidade de criar mecanismos de combate à discriminação racial e religiosa. Para tanto, em 2003, houve a iniciativa governamental da criação da lei 10.639/2003, que provoca alteração na LDB 9394/96 preconizando o estudo da História e Cultura da África e Afro-brasileira, perpassando inclusive com a temática das religiões de matriz africana.

Incluir as africanidades no currículo escolar, requer estudo e reflexão das(os) professoras(es), com o intuito de colaborar na construção do saber de uma criança que constitui uma sociedade mais justa, igualitária e menos racista. De acordo com Nilma Gomes (2008) colocar a temática da história e cultura afro no currículo é a possibilidade da mudança do olhar sobre a diversidade:

[...]muito mais do que um conteúdo curricular, a inserção da discussão sobre a África e questão do negro, no Brasil, nas escolas de educação básica têm como objetivo promover o debate, fazer circular a informação, possibilitar análises políticas, construir posturas éticas e mudar o nosso olhar sobre a diversidade. (GOMES, 2005, p. 81).

Nesse sentido, as discussões relacionadas a diversidade e de outros saberes são fundamentais, tendo em vista que na história da sociedade brasileira existe uma tendência em subestimar os conhecimentos que não integram a cultura ocidental e mesmo o saber popular. Vale ressaltar que o conhecimento científico é apenas um aspecto do conhecimento e que muitos conhecimentos científicos têm sua fundamentação no conhecimento de tradição oral. Portanto apontamos a importância de resgatar e recuperar esse legado cultural brasileiro que encontramos na religião de Umbanda, que está embutido neste novo currículo escolar.

Os adeptos da religião de Umbanda, tem sua iniciação, feita pela transmissão oral e geracional, de modo que o(a) sacerdote transmite os ensinamentos de conhecimentos e vivências nos espaços sagrados, dentro e fora do terreiro, a partir do vínculo que se estabelece entre o(a) dirigente do terreiro, denominam Mãe ou Pai de Santo e os adeptos.

¹² Democracia racial foi um conceito inicialmente utilizado por Gilberto Freyre (1936) que apontou harmonia entre as raças, contudo, Florestan Fernandes (1964) contra argumenta, enfatizando que no Brasil existe o mito da democracia racial, pois o uso aparentemente paradoxal da democracia racial para obscurecer a realidade do racismo, com a máxima “o preconceito de não ter preconceito”.

A Mãe ou Pai de Santo é uma figura de autoridade e responsabilidade no terreiro, posto que é a figura que possibilita todo o cuidado e orientação para os adeptos, além da manutenção do espaço sagrado. É esta personagem que define o calendário, a sequência das giras e todos os ritos religiosos. Demonstrem dedicação e experiência, provavelmente pelo aprendizado adquirido e domínio do universo simbólico dos rituais umbandistas.

São conhecimentos adquiridos pelos mais velhos até se tornar o mais velho, Mãe ou Pai de Santo. Rituais repetidos, apreendidos e ensinados ao longo do tempo que demonstra a eficácia simbólica, segundo Levi-Strauss (2008), em um ritual, encontramos uma realidade que somente é eficaz na medida em que há manipulação de determinados signos, que devem ser tomados enquanto decodificáveis por determinado *habitus* (conjunto de sistemas simbólicos).

São também as Mães e Pais de Santo que indicam, com frequência, o melhor momento para o benzimento, ao mesmo tempo que ensina seus adeptos de como proceder para a benzeção. O faz com a manipulação dos elementos simbólicos e com a dependência de que haja uma crença por parte dos adeptos, do paciente e da coletividade na “eficácia simbólica” deste ritual. Todos os elementos se imbricam e contribuem para o processo de eficácia simbólica, desde as palavras, o ritmo, o clima, a face do xamã (LEVI-STRAUSS, 2008). No caso específico, a Mãe ou o Pai de Santo em seu ritual umbandista até surgir o efeito esperado.

As Mães e Pais de Santo aprendem todo o legado doutrinário do terreiro, o ser umbandista que nasce conforme seus mais velhos o ensinam, bem como a utilização das ervas, o benzimento e todo o simbolismo de cada ritual que participam, sem que tenha um livro escrito como manual doutrinário, pois:

A Umbanda é uma religião em processo, autoconstruindo-se a partir da sua própria prática religiosa dentro da dinâmica de uma tradição oral multicultural. A enorme e contraditória bibliografia de escritores umbandistas apenas atesta a impossibilidade de transformar esse universo múltiplo em algo unívoco, estritamente dogmático e doutrinário. Nesse sentido, a religião se sedimentou pelas inter-relações das inúmeras vivências religiosas de seus líderes e adeptos, tornando-se pluralista, multicultural e inter-racial. (DANDARA, LIGIÉRO, 2013, p. 14).

O ser umbandista, perpassa por fé, conhecimento, justiça, lei, evolução, geração, amor e caridade, apreendidas por meio de doutrinas transmitidas pelos mais velhos, portanto de forma oral e geracional. Conforme Hampatê Ba (2010,

p.180) “a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina, às forças ocultas nela depositadas”. Reafirma o historiador que a palavra “Não era utilizada sem prudência”. Essas afirmações apontam a importância da transmissão de saberes por meio da oralidade nos terreiros, sendo inclusive uma ferramenta de manutenção da cultura.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A princípio, com o objetivo de proporcionar respostas ao problema enunciado, qual seja, conhecer e entender mais sobre a Umbanda, identificar suas práticas ritualísticas, seus espaços sagrados e sua relação com o meio ambiente, realizamos uma revisão bibliográfica para melhor compreensão das questões aqui elencadas.

Utilizamos como estratégia de investigação uma abordagem qualitativa. De acordo com Gil (2007), esse método exige conhecimentos científicos e técnicos para realizá-lo. Segundo Rauen (2006), essa modalidade de pesquisa busca compreender determinada realidade na perspectiva dos(as) participantes pesquisados. A pesquisa qualitativa tem por finalidade oferecer ao(a) pesquisador(a) o entendimento dos fenômenos sociais, por meio da coleta de dados, entrevistas em profundidade (ou histórias orais), interpretações e análises.

A nossa intenção é de recorrer, principalmente à observação participante e entrevistas com os dirigentes dos terreiros e os adeptos da religião dos terreiros pesquisados, conforme roteiro de entrevistas dispostas no apêndice A e B.

A “observação participante é onde o pesquisador entra em contato com os membros do grupo pesquisado e participa das atividades normais do mesmo” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p.79).

Na perspectiva de Gil:

A observação apresenta como principal vantagem, em relação às outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. [...] Duas formas distintas da observação: a natural, o observador pertence ao grupo que investiga; e a artificial, o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar uma investigação. (GIL, 2011, p.100)

No decorrer da observação participante, também foi explorada a oralidade que, segundo os adeptos, é central para a sobrevivência da religião. Observada e analisada nas conversas informais com os adeptos e dirigentes dos terreiros de Umbanda.

A pesquisa de campo que propiciou a coleta de dados ocorreu no período de janeiro a maio de 2019 em três terreiros de Umbanda na região de Curitiba. A opção por estes terreiros, como já mencionado em linhas introdutórias, se deu por um deles estar entre os mais antigos da cidade, outro ser dirigido por uma mulher e o terceiro ter como dirigente o atual presidente da FUEP.

Durante o trabalho de campo, fizemos cinco visitas em cada um dos terreiros para a realização das entrevistas e a observação participante. São nestes espaços que são realizadas boa parte das atividades e rituais, além de outros locais considerados sagrados pelos umbandistas, como mata, praia, cachoeiras, rios, pedreiras, encruzilhadas, cemitérios, pois os espaços sagrados da umbanda não se restringem ao terreiro.

Dando continuidade a pesquisa, após as observações junto aos adeptos desta religião, foram realizadas entrevistas, com autorização de uso das informações pelos(as) participantes. Esse método de coleta de dados foi escolhido pela sua flexibilização, ou seja, a entrevista seguiu com um roteiro norteador, porém os(as) participantes puderam falar de maneira espontânea, “[...] livremente sobre o assunto [...] e revelar dados mais profundos do que faria, se fossem explicitadas as questões” (RAUEN, p. 165), proporcionando um ambiente tranquilo e uma interação de confiança. (LÜDKE E ANDRÉ, 1986).

Pautados por procedimentos da pesquisa qualitativa, elaboramos a análise e interpretação dos dados da pesquisa fundamentados em Bardin (2009). Vinculados ao referencial teórico utilizado no percurso, portanto, utilizamos como base de análise os dados coletados que foi preciso organizar, codificar os resultados, categorizar, avaliar as inferências e interpretações, analisando a possibilidade de apontar a construção de políticas públicas e planos locais para os povos de terreiro, que neste contexto brasileiro, poderia contribuir para romper a invisibilidade, reafirmar a identidade, respeitar o território e o reconhecimento do direito de manifestar a religiosidade e cultuar o sagrado da forma que escolher.

3.1 CAMINHOS DA PESQUISA

Partindo do pressuposto que a Umbanda é uma religião cujo processo histórico perpassa pela diversidade, contradição, conflito e desigualdade sociocultural, nos colocamos o desafio de conhece-la e compreende-la melhor, estabelecendo como objetivo geral: identificar suas práticas ritualísticas, seus espaços sagrados e sua relação com o meio ambiente. Outros objetivos adicionais a pesquisa foram:

- Identificar os principais rituais e os territórios sagrados da Umbanda, por meio de revisão de literatura e de observação participante realizada em terreiros de Curitiba.
- Verificar como a religião de Umbanda se relaciona com o meio ambiente, através da utilização de ervas medicinais e da realização de oferendas e/ou cultos aos orixás.
- Identificar como ocorre a aprendizagem das práticas ritualísticas da Umbanda.
- Perceber o papel do(a) dirigente (comumente denominados Mães ou Pais de Santo) na condução da aprendizagem dos adeptos do terreiro no que tange à manutenção da religião e ao uso e preservação do meio ambiente.
- Verificar como os adeptos concebem a religião da Umbanda e percebem sua relação com o meio ambiente.

As técnicas de coleta de dados utilizadas consistiram em: levantamento bibliográfico, entrevistas semiestruturadas e observação participante. Minayo (1994, p. 17) ressalta que a importância da pesquisa científica como princípio educativo, passa por entendê-la como “a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade”. Por isso, fizemos a opção por realizar uma pesquisa de caráter qualitativo por acreditar que, com essa abordagem, o objeto de estudo seria melhor compreendido em função do caráter exploratório, pois esta estratégia de investigação:

[...] se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2002, p.21-22)

Nas pesquisas qualitativas, o objetivo é o entendimento dos fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada por meio de coleta de dados, entrevistas, interpretações e análises.

Com a intenção de justificar a relevância desta pesquisa, primeiramente, efetuamos um levantamento de teses e dissertações no banco da coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), objetivando identificar as produções com a temática por meio de descritores como: Umbanda, Umbanda e Território, e que será apresentado neste texto.

Com base neste levantamento, constatamos poucas pesquisas relacionadas com o objeto de pesquisa que nos propomos, portanto, faz-se necessário ampliar o conhecimento sobre este assunto que se demonstrou, ao longo do texto, importante. Primeiramente procuramos verificar a existência de estudos referente à trajetória da Umbanda. Buscamos todas as produções de teses e dissertações na Capes¹³, sem categorizar por período.

Ao iniciarmos a busca, tivemos a curiosidade em verificar as produções acadêmicas no que tange as outras religiões, além da Umbanda e chegamos a seguinte tabela:

TABELA 2 – QUANTIDADE DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS DAS RELIGIÕES

DESCRITORES	QUANTIDADE DE PRODUÇÕES	PERÍODO
UMBANDA	711	1954 A 2018
CANDOMBLÉ	2.106	1959 A 2018
EVANGÉLICA	2.331	1600 A 2018
CATÓLICA	106.946	1700 A 2018

FONTE: Construção da autora (2019), com os dados da Capes

¹³ <http://bancodeteses.capes.gov.br/> acessado em 25/07/2018.

Demonstramos na tabela acima, que encontramos maior número de produções acadêmicas com os descritores Católica, Evangélica e Candomblé, sendo a Umbanda em menor número de produções acadêmicas.

Vale ressaltar que alguns trabalhos citam a Umbanda, todavia não a discutem enquanto objeto de pesquisa, portanto cabe uma leitura mais aprimorada destes materiais para afirmar se todos tratam exclusivamente desta temática.

Dando continuidade à nossa pesquisa, utilizamos o descritor Umbanda e refinamos a base de dados com o período do ano 2013 a julho de 2018, encontramos 192 produções acadêmicas, mas com o intuito de aproximar ainda mais a busca com a nosso recorte de pesquisa, utilizamos o descritor Umbanda associado a Território.

Encontramos dezenove trabalhos e sentimos a necessidade de ler os resumos das pesquisas relacionadas a fim de compreender a que se referia cada trabalho. Nestas leituras observamos que havia pesquisas em diversas temáticas e para melhor compreendê-las, organizamos a produção por categorias, considerando a repetição da mesma palavra-chave nos resumos. Outro aspecto da escolha por categorizar, foram as temáticas semelhantes que se apresentavam nos textos lidos. Com isso chegamos ao seguinte quadro:

QUADRO 1 – DESCRITORES: UMBANDA E TERRITÓRIOS

RELIGIÃO E SAÚDE	RELIGIÃO E GEOGRAFIA	CANDOMBLÉ E OUTRAS RELIGIÕES	POMBA GIRA E A MULHER	ANÁLISE DA OBRA TENDA DOS MILAGRES	RELIGIÃO E JUVENTUDE	HOMOSSEXUALIDADE E A RELIGIÃO	TERRITÓRIOS	TOTAL
2	3	5	2	1	2	2	2	19

FONTE: Construção da autora (2019), com os dados da Capes.

Neste quadro observamos trabalhos tratando do acolhimento dos sujeitos nas religiões de matriz africana sem oferecer preconceito, bem como localizamos artigos que pontuam as práticas religiosas por jovens e homossexuais com liberdade de credo dentro da Umbanda e do Candomblé, independente de sua orientação sexual, cor ou idade entre outras temáticas que se referem a Umbanda ou territórios somente como citação, não como objeto de pesquisa.

Para tanto encontramos duas pesquisas que nos chamou a atenção para fazermos uma leitura mais apurada de toda pesquisa, que relato a seguir: *Itinerários terapêuticos de travestis da região central do Rio Grande do Sul*, 2014, de autoria De Souza et al. e *Juventudes, geografia e religião: reflexões a partir das noções de forma simbólica e habitus*, 2013, de Dalvani Fernandes. A primeira contribui com uma abordagem referente as travestis que relatam que encontram cuidados e acolhimento na religião de matriz africana, o que nos dá sustentação de que é uma religião de territórios simbólicos e valorização da diversidade. A segunda aborda o caráter sagrado da religião na vida dos jovens e seus territórios, também transitando pelo território simbólico e acolhimento.

Para avançarmos nas nossas buscas realizamos novamente outras pesquisas, desta vez utilizamos as palavras Umbanda associada à trajetória, encontramos vinte trabalhos acadêmicos. Para melhor compreensão, fizemos a leitura dos resumos e não identificamos diálogo entre as pesquisas mapeadas e o nosso objeto de pesquisa.

Após as buscas no banco de dados da Capes, com os descritores informados anteriormente, pudemos observar a existência de poucas teses e dissertações sobre a pesquisa a que nos propomos, o que nos indica a importância de estudo sobre esta temática. Isso porque os terreiros são espaços de encontros das diversidades étnicas, de classe, gênero, entre outras, que envolvem várias características culturais, que são construídas e desconstruídas nas relações conflituosas de diferentes grupos sociais que se encontram e interagem. É neste solo fértil, de uma Umbanda diversa, que queremos conhecer e entender mais sobre os encaminhamentos ritualísticos desta religião, bem como, seus territórios considerados sagrados.

Dando continuidade, fizemos uma análise das pesquisas elaboradas pelo IBGE, com o intuito de analisar a quantidade e o possível crescimento de adeptos da religião de Umbanda. Estudando estes materiais, registramos que muitos umbandistas optam em dizer que são de outras religiões, devido a diversas razões relacionadas à intolerância religiosa, portanto, acreditamos que não obtivemos nesta pesquisa o real número de adeptos de Umbanda. Ainda assim, constatamos crescimento desde o seu surgimento e está consolidada como uma religião brasileira, sendo inquestionável para a cultura do Brasil.

Com base na observação participante nos terreiros, elaboramos um roteiro de entrevista, a qual realizamos com dirigentes e adeptos, com o objetivo de levantar mais informações, percepções e opiniões acerca dos rituais e práticas umbandistas voltado as questões da valorização da natureza e dos seus espaços sagrados (territórios). Com isto, a intenção foi buscar pistas para a compreensão do fazer umbandista que perpassa os discursos e as práticas nos terreiros pesquisados.

Para tanto, optamos por realizar entrevistas semiestruturadas, pelo fato dessas permitirem a entrevistadora esclarecer dados, ou seja, manter um diálogo com os entrevistados e deixá-los livres para desenvolverem as questões da forma que desejarem. Moreira e Caleffe (2006) salientam também outras vantagens:

Ao usar a entrevista semiestruturada, é possível exercer certo tipo de controle sobre a conversação, embora se permita ao entrevistado alguma liberdade. Ela também oferece uma oportunidade para esclarecer qualquer tipo de resposta quando for necessário, e é mais fácil de ser analisada do que a entrevista não estruturada, mas não tão fácil quanto à entrevista estruturada. (MOREIRA e CALEFFE, 2006, p.167)

Quanto à análise e interpretação das informações coletadas nesta pesquisa foram fundamentadas em Bardin (2009), que define a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas para comunicar, identificando principais conceitos abordados, prosseguindo com sistematizações e objetivos para descrever o conteúdo dos dados coletados utilizados nas práticas.

3.1.1 COLETA DE DADOS

A fim de nos aproximarmos dos objetivos a que esta pesquisa se propõe, optamos por fazer observação participante em três terreiros de Curitiba, bem como entrevistas semiestruturadas e fotos a fim de colhermos impressões sobre a Umbanda e seus territórios.

A observação participante ocorreu nos terreiros durante as sessões e fora deles, nos ditos espaços sagrados para os umbandistas, como praia, mata, rio.

Como esta pesquisadora faz parte desta religião e participa constantemente das sessões, tivemos rigor e cuidado metodológico redobrado para não correr o risco conforme o que pondera Durham (1988) sobre os meandros de quando uma

pesquisa passa de observação participante para uma participação observante, resvalando para a militância (DURHAM, 1988, p. 27).

Para tanto, partimos para as entrevistas semiestruturadas, dando voz aos adeptos, com o objetivo de identificar aspectos de ordem geral concernentes a compreensão da religião da Umbanda e seu funcionamento, bem como a relação com a natureza e de que forma é transmitido os conhecimentos doutrinários. Na sequência, buscamos apreender elementos específicos, que contribuíssem para o entendimento do objeto de pesquisa com outros questionamentos específicos ao identificar novos elementos que ainda não haviam sido esclarecidos com a investigação.

Além de entrevistar os dirigentes dos três terreiros pesquisados, tivemos a oportunidade de entrevistar cento e oitenta adeptos no decorrer do trabalho de campo. Destes, com relação ao gênero, cento e trinta e cinco são mulheres e quarenta e cinco são homens. No que diz respeito à raça/etnia, cento e vinte e sete são brancos, cinquenta e dois são negros e pardos e um é indígena. Quanto as profissões, foram citadas na pesquisa: advogada, assessora de comunicação, gerente de banco, diarista, desempregada, autônomo, motorista, judiciária, tecnólogo em construção, estudantes, entre outros. Com relação ao grau de escolaridade, 75% possui o Ensino Superior completo (sendo um com doutorado, três com mestrado, vinte e nove com especialização lacto sensu, cento e trinta e cinco com graduação completa) e 25% é estudante (seja do Ensino Superior, seja do Ensino médio e fundamental). Dados que se contrapõe aos estereótipos construídos socialmente de que a Umbanda é uma religião de pobres e sem educação formal.

Quanto ao tempo que seguem a religião de Umbanda, varia de um a vinte e cinco anos, sendo que 55% dos adeptos segue a religião de Umbanda por um período de dez a quinze anos.

Encontramos nesta pesquisa, adeptos com idade de seis a oitenta e sete anos, sendo a média de idade, de vinte e oito anos, o que demonstra ter um número importante de jovens buscando a umbanda.

Ao nosso ver, o processo da investigação, com os dados coletados, por meio da observação participante, entrevistas e fotos (incluindo o acervo desta autora), são técnicas que se complementaram para nos dar as impressões que relataremos a seguir iniciando pelos campos da pesquisa.

3.2 CAMPO DA PESQUISA

Optamos por três terreiros para esta pesquisa: 1) Tenda Espírita São Jorge Guerreiro de Umbanda, por ser um dos terreiros mais antigos, ter sido a primeira sede da FUEP (Federação de Umbanda do Estado do Paraná) e por ter uma dirigente mulher; 2) Terreiro Pai João da Caridade, também um dos terreiros mais antigos da região de Curitiba; 3) Terreiro de Umbanda Caboclo Girassol, em função de que o dirigente é o atual presidente na Federação de Umbanda.

O Quadro 2 apresenta mais informações dos terreiros pesquisados, destacando a quantidade de adeptos, o ano de fundação e o funcionamento.

QUADRO 2 – TERREIROS PESQUISADOS

NOME TERREIRO	QUANTIDADE DE ADEPTOS	DIRIGENTE	ANO DE FUNDAÇÃO	FUNCIONAMENTO
Tenda Espírita São Jorge Guerreiro	80	Mãe de Santo	1958	Uma vez por semana
Terreiro Pai João da Caridade	30	Pai de Santo	1984	Uma vez por semana
Terreiro de Umbanda Caboclo Girassol	180	Pai de Santo	2015	Todos os dias

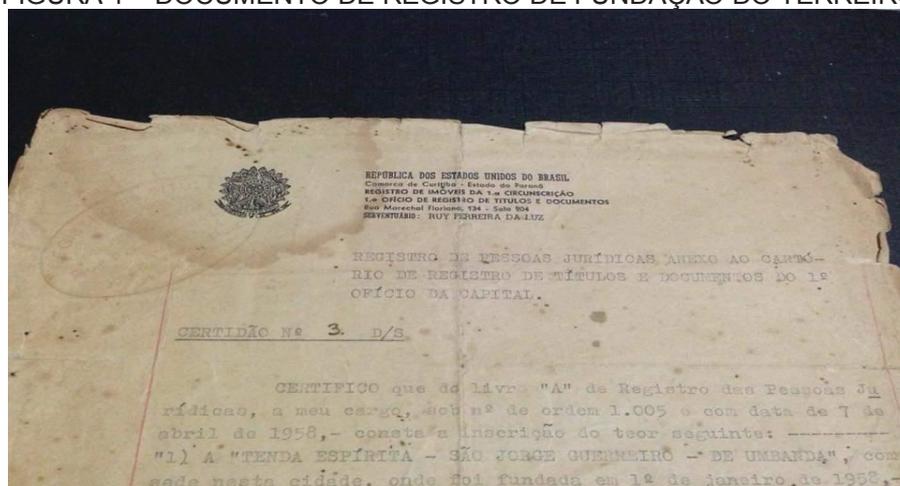
FONTE: Elaboração própria (2019), com os dados coletados em campo

A seguir, descreveremos cada um dos terreiros mencionados, que compõem o campo desta pesquisa.

1) Tenda Espírita São Jorge Guerreiro de Umbanda

Fundado em 1958, conforme abaixo na Figura 1

FIGURA 1 – DOCUMENTO DE REGISTRO DE FUNDAÇÃO DO TERREIRO



FONTE: acervo da Tenda Espírita São Jorge Guerreiro (1958)

A atual dirigente deste terreiro é Mãe de Santo M. de Ogum, que assumiu o terreiro há 31 anos após o falecimento de sua avó e de seu pai. Atualmente com 56 anos de idade, é nascida e criada na Umbanda e traz todo o conhecimento recebido de forma oral e assim também ensina seus médiuns.

Conta com um altar com imagens na sua maioria, de santos da igreja católica, sendo que ao centro, está uma imagem de Jesus Cristo e logo ao lado do mesmo tamanho, grande em relação as demais imagens, São Jorge, em função do nome do terreiro.

Do lado direito do altar estão dispostos três atabaques que utilizam durante as sessões, cantando para louvar seus orixás e chamar os espíritos protetores que incorporam nos médiuns para benzer e atender as pessoas que lá procuram.

A vestimenta dos adeptos é na sua maioria branca, por ser a cor da paz e principalmente a cor do Orixá Oxalá, sincretizado Jesus Cristo. Em alguns momentos utilizam vermelho, tendo em vista que é a cor do Orixá Ogum sincretizado com São Jorge.

Este terreiro, por ser um dos mais antigos da cidade de Curitiba e do Paraná, foi a primeira sede da FUEP - Federação de Umbanda do Estado do Paraná. Fundada em 1968, a FUEP tem como missão¹⁴:

Representar cultural, institucional, política e socialmente os Povos e as Comunidades Tradicionais Afro-brasileiras, Brasileiro-Afros e Indígenas, e outros povos tradicionais onde atue, seus dirigentes, frequentadores, simpatizantes e as comunidades por eles constituídas, dando-lhes visibilidade e buscando a sua integração plena a sociedade brasileira (FUEP, 2019).

A FUEP ficou por um período de aproximadamente quatro anos, logo após sua fundação, desativada, ou sem ações efetivas.

As Mães e Pais de Santo mais velhos resolveram retomar a federação elegendo os membros de diretoria, iniciando assim reuniões mensais a fim de discutirem ações afirmativas para o povo de terreiro, com eventos culturais e palestras, bem como, fazendo a representatividade dos terreiros nos espaços de discussões políticas e sociais, dando maior visibilidade das religiões de matriz africana.

¹⁴ <https://www.fuep.org.br/sobre/missao-principios-e-valores/> na data de 27/08/2019.

2) Terreiro Pai João da Caridade

O dirigente deste terreiro iniciou na Umbanda em 1984 em um terreiro denominado Tenda Inicial de Umbanda da Mãe Carindé, alterando sua nomenclatura no próximo ano para Centro de Estudos Holísticos de Curitiba, dando continuidade para seu desenvolvimento mediúnico até se tornar Pai de Santo. Recebeu de sua mãe de santo todo o conhecimento de forma oral.

O dirigente relatou que perdeu repentinamente a sua mãe de santo e que precisou recorrer a outro pai de santo para receber a sua coroação, ato que confirma o médium como pai de santo. Com este ritual, abriu seu próprio terreiro denominado Centro de Desenvolvimento do Caboclo Arruda Flores de Iemanjá, com aproximadamente vinte médiuns. No entanto, durante o percurso, no bairro Jardim Social de Curitiba, os moradores do entorno do terreiro demonstravam intolerância religiosa, apedrejavam a casa, colocavam música alta quando iniciava a sessão umbandista e fizeram várias denúncias policiais em função do som dos atabaques. Com isto, aconteceram constantes fiscalizações até chegar ao fechamento da casa no ano de 2012.

No ano de 2015, reabriu seu terreiro na sua própria residência, no bairro da Vista Alegre das Mercês, com o nome de Terreiro Pai João da Caridade. De acordo com seu relato mantém seus rituais umbandistas acolhendo as necessidades da comunidade, com simplicidade e humildade.

Na observação participante, o dirigente nos acolheu com carinho e se propôs a descrever a sua trajetória na Umbanda. Durante a entrevista, para a nossa surpresa, anunciou que uma entidade espiritual queria também falar sobre a religião. Ao nosso aceite, o pai de santo incorporou (entrou em transe) com uma entidade espiritual chamada Pai João (chamado na religião de preto velho). Neste transe, aos nossos olhos, o pai de santo ficou com aparência estereotipada de uma pessoa de mais idade, um velho. Sua voz, transfigurada numa voz rouca e cansada, falando vagarosamente, nos cumprimentou e salientou a felicidade quanto a nossa pesquisa discutindo a religião e colaborando para maior visibilidade.

Foi um momento marcante da pesquisa que não esperávamos por este caminho durante a entrevista, contudo salientamos a alegria desta experiência. Após sua conversa que nos impulsionou para a continuidade da pesquisa, gentilmente se

despediu e aos poucos, voltou a falar o pai de santo, com voz firme, nos respondendo as questões faltantes da pesquisa.

Neste terreiro, as imagens na sua maioria são de santos católicos e algumas imagens de Orixás, com velas acesas aos pés da imagem de Nossa Senhora Aparecida e de Jesus. Nas paredes, quadros com imagens indígenas e dos povos ciganos, haviam também instrumentos indígenas, como maracas e arco e flechas.

Quanto as vestes dos médiuns, traduziam simplicidade e da cor branca, simbolizando o Orixá Oxalá (sincretizado com Jesus). Em seus rituais, haviam somente o canto com o ritmo das palmas, sem o toque dos atabaques.

3) Terreiro de Umbanda Caboclo Girassol

Este terreiro foi fundado em 2015, com a união de alguns pais e mães de santo experientes, vindo de outros terreiros, resolveram fundar o templo, no bairro Boqueirão. Optamos por entrevistar um dos dirigentes, que atualmente está como Presidente da FUEP. Ele conta com mais de 22 anos de Umbanda e é pai de santo de uma das giras do terreiro.

O terreiro funciona de segunda a domingo com giras em todos os dias e cada dia com uma mãe ou pai de santo que teve a formação no próprio terreiro com o pai de santo mais velho. Em cada dia da semana, com as giras, contam com aproximadamente trinta a cinquenta adeptos nas sessões atendendo a comunidade com benzimentos, consultas com indicações de chás ou algum medicamento natural baseado em ervas, raízes ou plantas medicinais, fator recorrente em todos os terreiros pesquisados.

No altar deste terreiro, visualizamos santos católicos e Orixás, em suas paredes, alguns artefatos indígenas como arco e flecha, maraca e balaios trançados, quadros de povos ciganos entre outras imagens que decoram o ambiente.

Os instrumentos têm um espaço organizado com três atabaques, caixas de som, microfones e outros instrumentos de percussão que são utilizados durante as sessões com cantos que direcionam todo o ritual, contam com adeptos que tocam e outros que puxam o canto, apoiando o dirigente durante todo o ritual. Os adeptos seguem em coro com o canto escolhido para cada ritual.

Na imagem abaixo, o pai de santo, presidente da FUEP, em início de sessão, em oração com seus adeptos:

FIGURA 2 - PAI DE SANTO EM ORAÇÃO NO TERREIRO



FONTE: a autora (2019)

O campo desta pesquisa constitui estes três terreiros, em que acompanhamos sessões nos templos e algumas sessões em outros locais considerados sagrados pelos umbandistas, que explicaremos com maiores detalhes nos resultados da pesquisa que segue.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

Com o intuito de responder o principal objetivo desta pesquisa, procuramos, tanto na observação participante como nas entrevistas, voltar o olhar para as práticas ritualísticas da Umbanda, do terreiro e em outros espaços da natureza, bem como a relação dos adeptos com o meio ambiente. Contudo, não imaginávamos a riqueza de detalhes dos rituais religiosos que presenciamos e que neste texto apresentaremos.

Esta investigação de abordagem qualitativa, como já dito, contou com observação participante e entrevistas semiestruturadas com três dirigentes dos terreiros e cento e oitenta adeptos da religião de três terreiros de Umbanda, localizados em Curitiba. Além da pesquisa nos terreiros – espaços sagrados em que são realizadas boa parte das atividades e rituais da Umbanda – foram observadas

atividades em outros locais considerados sacros pelos umbandistas, como mata, praia, cachoeira, rio.

A seguir, demonstramos por meio de foto, um terreiro de Umbanda e seus elementos ritualísticos, antes da chegada dos adeptos. Pudemos observar que neste caso o espaço é pequeno, no entanto, pode variar de tamanho, conforme as possibilidades do dirigente (Mãe ou Pai de Santo). O terreiro, segundo o Pai de Santo J, significa “quintal” porque costumavam ser localizados nas dependências da casa do(a) dirigente de culto.

FIGURA 3 - O TERREIRO DE UMBANDA TIA MARIA



FONTE: acervo da autora (2017)

O terreiro de Umbanda, na sua maioria, conta com um altar com imagens de santos católicos e Orixás, provavelmente pelos reflexos históricos de tempos coloniais, conforme aponta Bastide (2001), que os negros escravizados utilizavam como estratégia, o sincretismo, ao cultuar seus Orixás sem a perseguição dos senhores brancos que ao observar santos católicos no altar, achavam que estariam rezando conforme a fé cristã. Contudo, estavam cultuando suas divindades, seus Orixás associados aos santos católicos.

Como a Umbanda, traz em sua composição tanto a vertente católica, como a africana, indígena e kardecista, observamos nas sessões, orações e cantos, tanto para Orixás, bem como para santos católicos, traduzindo uma diversidade de culto inclusive por sua composição que poderá ter mais elementos indígenas do que

católico, ou mais elementos afros do que indígena. E assim segue a religião a depender do que o(a) dirigente aprendeu com seus mais velhos(as).

Quanto aos espaços no terreiro, o mesmo espaço é dividido em duas partes: a primeira é área que acontece as sessões, chamada de local de gira, onde está o altar, denominado de conga e os atabaques; a segunda área é a assistência, local onde as pessoas que vão se benzer, ficam sentadas aguardando o atendimento enquanto assistem as sessões. Encontramos esta mesma disposição em todos os terreiros pesquisados.

Normalmente, os terreiros contam com três atabaques e no espaço destinado as sessões, apresentam desde seus altares e paredes, os símbolos sagrados que cultuam os elementos relacionados aos seus Orixás e santos católicos nos diversos rituais que acontecem nestes espaços.

A frente destas imagens, aos pés do altar, os adeptos se ajoelham, rezam e acendem velas aos seus santos, guias, protetores e Orixás, normalmente antes de iniciar as sessões. Neste interim, ficam a maior parte do tempo em silêncio, demonstrando concentração e respeito pelo ambiente sagrado que cultuam.

Ao iniciar a sessão, ocorre um momento de muita concentração com orações proferidas pela mãe ou pai de santo, em seguida, a sessão se apresenta com alegria e dinamismo ao som de atabaques e cantigas.

A seguir, ilustramos com a imagem do terreiro desta pesquisadora com seus adeptos no início da sessão, em oração inicial:

FIGURA 4 - TERREIRO E ADEPTOS NO INÍCIO DE SESSÃO



FONTE: acervo da autora (2017)

Normalmente as sessões acontecem da seguinte forma: preparação, cantigas para invocação, incorporação das entidades espirituais, benzimentos e consultas, despedidas e encerramento.

A seguir, relataremos, conforme nossa observação participante e experiências vivenciadas, como acontecem as sessões.

A preparação acontece desde o momento que os adeptos chegam no terreiro ou no local destinado as giras, que poderão ser na mata, praia, cachoeira, rio, entre outros locais considerados sagrados pelos umbandistas. Logo após, colocam suas roupas brancas que simbolizam a paz, acendem velas para seus santos, Orixás, guias, protetores, anjos de guarda e fazem suas orações particulares, tudo sendo observado pacientemente pelas pessoas que procuram os templos por diversos pedidos de ajuda.

Ao iniciar a sessão, a mãe ou pai de santo, faz oração inicial e cânticos de agradecimento a Deus e aos Orixás, aos santos e anjos, sempre de frente para o altar, como uma saudação a todas aquelas imagens simbolizando o sagrado.

A oração inicial varia de acordo com cada terreiro, encontramos desde a oração do “Pai Nosso” (comumente encontrada na religião católica) e orações que mencionam as forças da natureza, relacionadas a Orixás e o Povo Indígena, como o exemplo abaixo, a oração coletada em um dos terreiros pesquisados:

Que os eflúvios divinos, de todos os orixás nos envolvam através das falanges trabalhadoras do bem. Que ao iniciarmos os trabalhos de hoje possamos receber, dos nossos guias, os elementos necessários para a firmeza e segurança da nossa corrente espiritual. Suplicamos de Iemanjá, Oxum e de Iansã a purificação dos nossos sentimentos, levando todas as impurezas para as ondas sagradas dos mares, para as sacrossantas águas dos rios e pelos sopros divinos dos ventos. Suplicamos a Xangô que nos envie um raio de luz e uma faísca do seu incomensurável poder a fim de abrandarmos a fúria tempestuosa das nossas tendências inferiores, pedimos justiça e equilíbrio. Suplicamos a Ogum para que destrua com a sua sagrada e invencível lança, afastando os fluídos negativos que possam nos obsidiar, pedimos abertura dos nossos caminhos. Suplicamos a Oxóssi, na pujança de seus caboclos, que nos dê o vigor, a coragem e a força para eliminarmos os elementos contrários ao nosso aperfeiçoamento espiritual. Suplicamos a Ibeiji a irradiação primorosa da graça e da doçura dos sorrisos infantis, para que sintamos palpitar em nossos corações, o poder infinito de Zambi e de Oxalá. Suplicamos aos Pretos e Pretas Velhas para que as almas benditas vigiem os nossos passos, fortaleçam as nossas coroas e auxiliem os nossos trabalhos espirituais. Grande Deus, Grande Zambi, Oxalá e Tupã, certo estamos que vossos mensageiros, neste templo, acham-se em trabalhos para nós. Vos pedimos saúde e axé a todas e a todos. Em nome de Zambi, de Oxalá, de todos os Orixás, de nossos guias e protetores que damos por aberto os trabalhos desta noite dentro da lei da

Umbanda para a caridade. Assim seja. (Oração inicial de Umbanda coletada na observação participante, 2019)

Dando continuidade, é feita uma defumação. A Mãe de Santo M. salienta que “o que não podemos lavar, defumamos”, explicando que a defumação serve para a limpeza energética da casa e das pessoas, trazendo boas energias, além de harmonizar o ambiente.

Durante as sessões, todas as pessoas são convidadas a participar, mas participa somente quem quer, participa. Enquanto cada pessoa é defumada com a fumaça das ervas, entoam-se cantos ritmados por atabaques. Um deles foi bem marcado, em função de se repetir diversas vezes na observação participante:

Entrei lá na mata e pedi, que a Jurema desse folhas para mim. Ela me deu e eu aqui estou, com as ervas da Jurema, fazendo defumador. Eu defumo, eu defumo. Vamos defumar. Eu defumo, eu defumo com as ervas de Oxalá. Cheirou, como cheira a Umbanda. Umbanda, cheirou guiné. Defuma com Jesus, Maria e José. Vamos defumar os filhos seus. Defuma com Deus e Nossa Senhora, afastando os inimigos da porta para fora (Música popular de Umbanda - observação participante de janeiro a abril/2019)

Existem folhas que são utilizadas para defumação (benjoin, alecrim, arruda, guiné, alfazema, boldo, entre outras) e outras para benzimento (arruda, alecrim, entre outras). Mas também existem ervas, folhas, cascas de árvores, ou até a planta inteira, que são utilizadas para chás, banhos, garrafadas, xaropes, entre outros, que as Mães e Pais de Santo entrevistados, afirmam a eficácia.

Pai J. ao falar sobre a defumação, aponta que:

Cada erva possui um aroma, um cheiro e é indicada para diferentes causas, cada uma é responsável por um tipo de energia e possuem um significado diferente, sem contar que cada erva traz a energia sagrada de um Orixá, então, usamos a erva conforme a energia que queremos puxar na defumação. Se é dia de pedir saúde e fartura, defumamos com as ervas de Oxóssi, por exemplo. Ou se precisamos de equilíbrio e justiça, usamos a erva de Xangô, mas se quiser também dá para preparar uma defumação com uma erva de cada Orixá e vai usando e recebendo todas as energias.

As ervas e plantas ocupam um lugar especial nos rituais umbandistas, necessitando, portanto, da preservação para sua continuidade.

Sempre ao som dos atabaques e cânticos, chega o momento em que os adeptos se curvam e encostam a cabeça no chão, ato que chamam de bater

cabeça, sinal de respeito pelo chão sagrado e pelos guias, protetores, santos e Orixás.

Fato que nos chamou atenção é de que os adeptos, dos três terreiros pesquisados, prestam reverência aos pais de santo, fazendo o ato de bater cabeça aos pés dos pais de santo. Ao questionar o adepto 3¹⁵, este nos informou que “é em sinal de respeito pelo seu conhecimento e orientação espiritual”.

Ao conversar informalmente com outros adeptos sobre esta referência, os mesmos reafirmam a necessidade deste ato simbólico de respeito pelo conhecimento e uma espécie de processo de cuidado que a Mãe ou Pai de Santo têm pelos seus adeptos, considerados como filhos da casa.

Após toda esta preparação, que pode ter algumas diferenças de terreiro para terreiro, como, por exemplo, outros cânticos durante cada ato, contudo, seguem com rituais semelhantes no início de suas sessões.

Ao som dos atabaques é cantado para que as entidades incorporem em seus adeptos, primeiro em sua mãe ou seu pai de santo e em seguida nos adeptos, que deverão incorporar os espíritos que virão para fazer o acolhimento aos que pedem este auxílio.

Este é o momento que o terreiro oportuniza os frequentadores a receber atendimento para seus problemas. Identificamos que além dos problemas de saúde, outros fatores levam os frequentadores a pedir aconselhamento, como por exemplo, problemas financeiros e conflitos interpessoal e emocional.

Durante as observações, algumas pessoas solicitavam o benzimento, outras somente eram acolhidas e após uma conversa, naquele espaço sagrado, recebiam o benzimento, também chamado de *passé*¹⁶. A depender da necessidade de cada frequentador(a), eram encaminhados(as) para entidades que faziam benzimentos, normalmente chamadas de Pretos Velhos ou Caboclos, ou para consultas sobre outros assuntos, que a Mãe ou Pai de Santo ia direcionando para entidades que acolhiam e aconselhavam. Os conselhos espirituais e o benzimento são, portanto, encaminhamentos possíveis, normalmente intermediados pelos médiuns do terreiro com suas entidades espirituais incorporadas.

¹⁵ Como entrevistamos cento e oitenta adeptos, optamos por identificá-los numericamente para facilitar a descrição na pesquisa.

¹⁶ Passe – benzi mento efetuado dentro do terreiro de Umbanda por entidades espirituais incorporadas nos médiuns de Umbanda.

Conforme já citado em linhas anteriores, o ritual religioso, na perspectiva de Eliade (1993), aproxima o indivíduo do sagrado e o torna mais forte para voltar ao mundo profano.

Dentro do terreiro, com imagens consideradas sagradas e folhas verdes nas mãos, o dirigente benze o adepto. Tudo naquele espaço remete à religiosidade, à crença nas divindades. Como disse Hoffmann-Horochovski (2012, p.6) em outro estudo sobre benzeção: “o caráter sagrado do benzimento é geralmente anunciado no próprio espaço físico”.

Benzimento, acolhimento, como exemplifica a imagem a seguir:

FIGURA 5 - ACOLHIMENTO COM BENZIMENTO



FONTE: acervo da autora (2018)

Depois destes atendimentos, as entidades, ao som de cantigas já podem ir embora, o que significa que os adeptos saem do transe mediúnico.

Com agradecimentos e orações finais, a sessão encerra. No entanto, Berkenbrock (1997, p.159) aponta que:

[...] aprende-se durante a iniciação a ordem do culto, a teologia, termos religiosos e a obrigações. A iniciação na Umbanda não é, porém, organizada de forma unitária e sua duração, forma, conteúdo e ritual podem variar muito de casa para casa. (BERKENBROCK, 1997 p.159)

Estes rituais, também chamados de sessões ou giras, acontecem além do terreiro, em outros espaços sagrados, sempre em forma de agradecimento ou busca de energias por determinados Orixás que atuam em diversos locais da natureza. Na mata, por exemplo, é cultuado Oxóssi, dono das florestas, da fartura que as árvores proporcionam; na praia as giras são em agradecimento a rainha do mar, Iemanjá, Orixá mais conhecido pela população, sincretizado com Nossa Senhora, traz acolhimento e fartura; nos rios e cachoeiras, é saudada a Orixá Oxum, dona da água doce que dá vida, os cultos nestes espaços é em agradecimento a vida e o respeito pela água. As giras de mata e praia, ou em qualquer espaço na natureza, normalmente são feitas somente uma vez ao ano, conforme o que indica o dirigente da casa, seguindo um calendário interno.

A homenagem a Iemanjá, pode ocorrer no início do ano, em fevereiro, final de ano, em dezembro, ou conforme o calendário que o Mãe ou Pai de Santo ordenarem.

A imagem abaixo retrata uma homenagem a Iemanjá, onde os adeptos em círculo cantam em louvor a “rainha do mar”. Contudo, a sessão segue o mesmo passo a passo ritualístico conforme descrito em linhas anteriores, semelhante ao ritual interno de terreiro.

FIGURA 6 - GIRA DE PRAIA



FONTE: acervo da autora (2018)

Na imagem acima, o que nos chamou atenção, além do ritual em si, é a vestimenta. Além da roupa branca, cada adepto utiliza uma faixa com determinada cor na cintura, o que nem todos os terreiros utilizam desta forma. Ao ser questionada sobre o significado das cores, a dirigente respondeu que significa que cada médium tem um Orixá que protege o médium, chamados de “pai de cabeça ou mãe de cabeça” e após o ritual para verificar qual é o Orixá regente do adepto, este ganha a faixa correspondente a cor do seu orixá. A exemplo, Bruna de Iemanjá, utilizará uma faixa azul que é a cor correspondente da sua protetora. Para melhor compreensão, a partir das informações coletadas no campo de pesquisa, montamos uma tabela a fim de demonstrar a relação das cores das faixas simbolizando alguns dos Orixás existentes:

TABELA 3 – ORIXÁ, SUA COR, CAMPO DE ATUAÇÃO E SINCRETISMO

ORIXÁ	COR	LOCAL DE ATUAÇÃO	SINCRETISMO
Oxalá	Branco	Irradiador da fé e religiosidade	Jesus Cristo
Iemanjá	Azul	Mar	Nossa Senhora
Oxóssi	Verde	Matas/florestas	São Sebastião
Oxum	Amarelo	Rios/cachoeiras	Nossa Senhora da Conceição
Xangô	Marrom	Pedreiras	São Jerônimo/ São Pedro
Ogum	Vermelho	Campinas/estradas	São Jorge
Iansã	Laranjado	Ventos/ tempestades	Santa Bárbara

FONTE: Tabela elaborada pela autora com base nas entrevistas (2019)

A fim de agradar a Orixá Iemanjá, os adeptos colocam as oferendas na areia durante os trabalhos, mas, segundo a Mãe de Santo M.:

Por preocupação pela natureza, ao término dos rituais, todo o material é recolhido do local para não deixar nenhum resíduo que possa prejudicar o espaço do meio ambiente.

A Mãe de Santo M. explica que toda oferenda deve ser feita com muito carinho e de forma harmônica, com elementos próprios de cada Orixá. Conta que cada Orixá tem sua cor, flor e comida preferida e isso o adepto aprende ao longo do tempo para que consiga fazer uma boa oferenda.

Em um dos terreiros pesquisados, no trabalho de praia, nos chamou a atenção que a oferenda foi depositada na areia e estes alimentos foram abençoados pela entidade espiritual durante o ritual que, a princípio, veio receber sua oferenda e em seguida ofereceu a todos os adeptos e frequentadores para que comessem juntos.

A seguir podemos visualizar uma oferenda para Iemanjá:

FIGURA 7 - OFERENDA DE PRAIA



FONTE: acervo da Tenda Espírita São Jorge Guerreiro de Umbanda (2019)

No decorrer da pesquisa tivemos a oportunidade, por meio da observação participante, de presenciar um trabalho de mata. Este ritual, segundo a Mãe de Santo M, “é em agradecimento ao Orixá Oxóssi, o dono das florestas, protetor das matas, pelo bem precioso que é a natureza e que fazemos parte dela, somos tão pequenos diante da grandeza que ele nos proporciona, por isso que agradecemos e cuidamos tanto”.

Segundo ela, este ritual, é feito normalmente em chácaras alugadas na Cidade de Morretes – Paraná, próxima a Curitiba, para que os adeptos tenham estrutura necessária de apoio, como banheiros, vestiários, segurança, local para alimentação e abrigo. Passam aproximadamente um dia inteiro nestes locais, que vão desde a preparação do ambiente com a colocação dos elementos necessários para o ritual, como atabaques, altar com as imagens, cadeiras para a comunidade que queira assistir, além de todo o material que cada terreiro irá utilizar.

Os trabalhos em outros espaços da natureza, como cachoeira, rios, praias, entre outros, seguem da mesma forma que foi descrito os trabalhos e oferendas de praia e mata. Constatamos que conforme o espaço da natureza, o ritual segue voltado para o Orixá que representa aquele espaço. As cantigas são as principais pistas de que louvam determinada força natural de Orixá, conforme a cantiga a seguir que detectamos em ritual a beira do rio:

Mamãe Oxum

“Eu vi mamãe Oxum na cachoeira,

Sentada na beira do rio.

Colhendo lírios, lírio ê, colhendo lírios, lírios a,

Colhendo lírios para enfeitar nosso congá”.

(Música popular de Umbanda - observação participante de janeiro a abril/2019)

A imagem abaixo ilustra a gira formada por um dos terreiros pesquisados e vale salientar que cada terreiro tem a liberdade de escolha dos elementos que irão compor o espaço sagrado conforme a necessidade do ritual.

FIGURA 8 - GIRA DE MATA



FONTE: a autora (2018)

O ritual elaborado na mata, segue com muita semelhança dos rituais já mencionados no interior do terreiro, acrescidos com oferendas¹⁷ aos Orixás em forma de agradecimento ou algum pedido de saúde ou afins. Vejamos imagens de algumas oferendas retratadas nos rituais de mata.

FIGURA 9 - OFERENDA DE MATA



FONTE: acervo da autora (2018)

FIGURA 10 - OFERENDA DE MATA



FONTE: acervo da autora (2018)

¹⁷ Oferenda é o ato de depositar diversos elementos naturais para seus protetores ou antepassados, em forma de agradecimento ou pedidos, que são cuidadosamente preparadas para sua entrega.

Durante a pesquisa, observamos os adeptos demonstrando respeito a natureza, tanto na praia, quanto na mata. Foram nas oferendas que constatamos que existe a preocupação com o meio ambiente. Contudo, observamos algumas oferendas que vão em direção contrária ao que estudamos até aqui quanto a sacralidade destes espaços. Observamos em pequena medida, oferendas servidas em recipientes de plástico e de vidro deixadas na natureza, conforme ilustra a próxima imagem:

FIGURA 11 – OFERENDA QUE AGRIDE O MEIO AMBIENTE.



FONTE: acervo da autora (2018)

Questionamos o Pai de Santo J. quanto a estas oferendas, de que forma são ensinadas aos adeptos e como entregam na natureza:

Nós ensinamos por meio da fala e as vezes o médium ainda não aprendeu. Sempre estamos falando sobre os cuidados com a natureza, mas sentimos que alguns filhos precisam de mais doutrina, senão daqui a pouco não teremos e não seremos mais a natureza, morremos juntos.

Salientamos que esta frase do Pai de Santo J. ficou marcada em nós ao demonstrar tristeza da falta de cuidado com a natureza. Este, deu continuidade em seus trabalhos de mata e parou a sessão para doutrinar oralmente seus filhos

quanto a forma de depositar oferendas em qualquer lugar e os elementos que poderiam depositar, enfatizando o cuidado a natureza.

Nesse sentido, observamos a preocupação em torno da questão do desenvolvimento sustentável e do cuidado a natureza, a partir da perspectiva da ecologia social, discutidas e ensinadas na coletividade. Observamos que são discussões baseadas em futuros possíveis a partir do ecodesenvolvimento, que rompe com o uso ilimitado dos recursos naturais e reconhece antigas práticas de manejo sustentável que prezam pela biodiversidade (SACHS, 2004).

O respeito à natureza e o tipo de relação dialógica construída, pela Mãe ou Pai de Santo com os adeptos, no cotidiano do terreiro, levaram-nos a identificar que é um processo contínuo de aprendizagem. Vimos que o diálogo está presente na educação do terreiro por meio de uma prática fundamental para o repasse dos saberes doutrinários da religião.

Durante a investigação, constatamos que a oralidade é um fator predominante para a sobrevivência da religião, disseminada por seus adeptos, principalmente pelos mais velhos. São eles que costumam ensinar tudo que aprenderam com *seus* mais velhos, de forma a garantir a continuidade da transmissão de conhecimento de geração a geração. Conforme Hoffmann-Horochovski (2012, p.12), seguindo Halbwichs (2004), “a sua memória, por mais que seja individual, é coletiva na medida em que traduz experiências e representações produzidas a partir de seu contato com diferentes grupos e instituições”.

São os mais velhos que costumam ensinar tudo que aprenderam com *seus* mais velhos, de forma a garantir a continuidade da transmissão de conhecimento de geração a geração, ou seja, o velho é um narrador que muito viveu e por isso tem muito a contar (BENJAMIN, 1993).

Durante as observações, além dos ensinamentos relacionados aos rituais da religião, identificamos a utilização e ensinamento do uso de folhas, cascas de árvores, e até plantas inteiras para diversos fins, como banhos, xaropes, chás, entre outros. Este uso não só reforça a crença no sagrado, como poder ser fonte de saúde física e mental para os adeptos da religião. Ressaltamos que na utilização das plantas e ervas, observamos um cuidado e preservação da natureza.

É a utilização do uso consciente, sustentável, fator importante que conforme Sachs

Constitui-se num conceito dinâmico, que leva em conta as necessidades crescentes das populações, num contexto internacional em constante expansão [...] É aquele que procura satisfazer as necessidades do presente sem comprometer o futuro, tendo em conta os recursos naturais disponíveis (SACHS, 2004, p.29).

Em entrevistas com os adeptos, ao questionarmos como o umbandista se relaciona com o meio ambiente, obtivemos respostas que demonstram a preocupação e o respeito com o meio ambiente, por exemplo: “A Umbanda é uma religião natural que preserva a natureza e com isso a preservação faz parte da vida do umbandista” (Adepto 7).

Outros depoimentos apontaram que:

“Sua relação com a natureza tem de ser harmoniosa e de proteção ao meio ambiente”(Adepto 23).

“O verdadeiro umbandista preserva e cuida, mas alguns ainda não tem consciência”(Adepto 49).

Nos depoimentos registrados, destacam-se as ideias de “religião como prática do bem”, a valorização da natureza, a caridade, a solidariedade e a humildade.

“A natureza de uma forma geral, é sagrada para todo umbandista. Entendemos que nossa relação com os elementos da natureza deve ser respeitosa e harmoniosa”(Adepto 118).

“Acreditamos que cada Orixá se utiliza de uma força energética da natureza para se expressar entre nós e se fazer presente em cada ser que habita nesse campo terreno sagrado” (Adepto 153).

Na verdade, a humanidade, em seu processo histórico, depende da natureza para a sobrevivência, ocupando territórios e utilizando os recursos naturais em seu entorno, no entanto, visivelmente utilizados como recursos naturais infindáveis. Essa má utilização gera impactos ambientais nos diversos ecossistemas que transformam a natureza trazendo consequências danosas ao meio ambiente e a própria humanidade. E os umbandistas sabem disso, por isso o cuidado com a preservação. Como disse um dos dirigentes entrevistados, o Pai de Santo J: a “humanidade é parte integrante da natureza, devendo ser cuidada e mantida”.

A integração humanidade/natureza e, conseqüentemente, o respeito pela natureza tem relação com a própria religião, que cultua divindades ligadas à

natureza. Novamente as palavras de Pai de Santo J. sistematiza isso: “os Orixás são os braços de Deus na natureza”.

Os umbandistas cultuam suas divindades em muitos espaços que consideram sagrados, pois conforme relatou o Pai de Santo A., acreditam que “cada espaço natural tem uma espécie de protetor daquele local”. Portanto, ao cuidar do espaço considerado sagrado, cuidam também do protetor correspondente, o que aumenta o cuidado e o respeito pelo local.

Dentre tantos protetores da natureza, elencaremos os mais citados nas entrevistas tanto pelos dirigentes dos três terreiros pesquisados quanto por adeptos seguidores da Umbanda.

- a) As águas são protegidas pela Orixá Oxum, protetora das águas dos rios e cachoeiras, representa sabedoria e o poder feminino, vista pelos adeptos da Umbanda e do Candomblé como a deusa do ouro e do jogo de búzios;
- b) Os mares recebem a proteção de Iemanjá, Orixá muito conhecida e difundida nacionalmente, recebe diferentes nomes, dentre eles: Dandalunga, Inaé, Ísis, Janaína, Maria, Mucunã, Princesa do Mar, Rainha do mar, entre outros nomes, a depender da região segundo Mãe M. em entrevista. Iemanjá é considerada a padroeira dos pescadores.
- c) Iansã, Inhaçã ou simplesmente Oya, Orixá que comanda os ventos, raios, trovões e tempestades. Tida como a força guerreira da mulher.
- d) O protetor das pedreiras, dos raios, do trovão e do fogo é o Orixá Xangô, apontado também como Orixá da justiça e do equilíbrio.
- e) Oxóssi é o Orixá das matas, das florestas, da caça, dos animais, da fartura, do sustento, da terra.
- f) O Orixá Ossain, uma das mais sábias divindades por deter o conhecimento de como e para que manipular cada folha ou planta, conforme os entrevistados, Ossain é o padroeiro da saúde pelo domínio das plantas.

Esses Orixás estão comumente entre os mais mencionados tanto pelos umbandistas quanto pelos pesquisadores da área, tal como Bastide (1971), Verger (1999) e Silva (2005), e ajudam a compreender, como já dito, a relação ser humano e natureza. Bem como, a utilização da força da natureza, incluindo as ervas e plantas medicinais, na manutenção/cura da saúde física e espiritual dos indivíduos.

Para os adeptos de Umbanda, a natureza emana a força de sua existência, e é por meio das folhas e plantas utilizadas, tanto no terreiro como nos locais

considerados sagrados que observamos com maior clareza a relação com o meio ambiente e seus cuidados.

Segundo Barros (2009), os adeptos de Umbanda e Candomblé, procuram sempre a convivência harmônica e proteção da natureza, pois é dela que vem os segredos da existência da própria religião. Essa relação de homem versus natureza é sempre sedimentada por meio do conhecimento transmitido de forma oral, onde aquele, plenamente familiarizado com a flora do seu entorno, busca soluções para os mais diversos problemas surgidos no âmbito de suas comunidades.

Pela observação participante, podemos afirmar que as pessoas que procuram pela Umbanda são orientadas a continuar utilizando os medicamentos indicados por médicos para seus tratamentos. Todavia, os umbandistas sugerem as ervas medicinais como complemento de tratamento ou ainda, indicam como prevenção de alguma doença, fato confirmado em entrevistas com os dirigentes dos terreiros pesquisados.

Durante o percurso de coleta de dados, observamos a forma de acolhimento e escuta oferecida às pessoas que buscavam ajuda nos terreiros pesquisados. Em muitos momentos, somente a escuta já era suficiente, ainda assim, sempre tinha um chá, um benzimento, que complementava o atendimento, promovendo de certa forma conforto, quando não a cura para os males (físicos e/ou espirituais) que traziam.

Segundo a Mãe de Santo M., “a forma que acolhemos estas pessoas, seja ensinando um remédio natural ou um benzimento, faz toda a diferença, a fé da pessoa ajuda muito na hora da cura”. Ou seja, é eficaz simbolicamente, principalmente quando aquele que procura ajuda acredita, como já disse Lévi-Strauss (2008), no poder do curandeiro e dos elementos utilizados na cura.

As questões da credibilidade foram tratadas por Lévi-Strauss (2008) ao discutir a eficácia simbólica da magia quanto as curas xamânicas, provavelmente por estas não se explicarem cientificamente, classificando-as como simbólico. O autor complementa que “não há, pois, razão de duvidar da eficácia de certas práticas mágicas”, admitindo que a “eficácia implica na crença da magia”. A eficácia é o resultado do conjunto da ritualística de cura, que envolvem desde o benzimento a ervas medicinais, atuando desde o psicológico, físico e bioquímico, promovendo a melhoria como um todo.

Apontamos que não somente os seguidores da religião de Umbanda, mas toda a humanidade tem dependência dos bens naturais para sua sobrevivência.

Bacelar (2006), afirma a necessidade de entrelaçar o conhecimento popular e o conhecimento científico, afim de promover ajuda mútua, em prol de novos olhares de conhecimento:

Vemos o futuro do conhecimento popular das folhas justamente na possibilidade de criar uma simbiose natural e eficaz entre os dois lados do conhecimento: o do tradicional que nunca foi sistematizado e o do conhecimento científico muitas vezes se distanciou demais das necessidades reais, uma simbiose a partir da qual um lado pode servir o outro (BACELAR, 2006, p.35).

A seguir, apresentamos uma tabela com as principais ervas medicinais citadas em entrevistas com os dirigentes dos terreiros e observada a utilização nas coletas de dados em observação participante:

TABELA 4 – PRINCIPAIS ERVAS UTILIZADAS NA UMBANDA

ERVA/ CASCA/ PLANTA	USO	NOME CIENTÍFICO
Alecrim	Como chá para dores musculares, melhorar a memória, o crescimento do cabelo, o sistema imunológico e o circulatório, para tosse, gripe, asma, diurético, reduz gases intestinais, combate o stress. Também utilizado como banhos para limpeza espiritual, contra o stress	Lippia sidoides
Abacate	O caroço ralado coloca em infusão no álcool, utilizado para cura de artrose e dores na coluna.	Persea gratissima G., Lauraceae
Arruda	As folhas quando cozidas são utilizadas em banhos para limpeza de energias ruins e quando secas em defumadores para espantar energias ruins.	Ruta graveolens L. Rutaceae
Alfazema	Chá para baixar o colesterol e banho para limpeza de energias ruins.	Hyptis carpinifolia Benth, Lamiaceae
Babosa	Feito uma pasta para crescimento de cabelo, contra queda de cabelo, hidratação de pele e cabelo, cicatrização de ferimentos e acnes.	Aloe vera L., Liliaceae
Capim santo ou capim limão	As folhas são usadas para chás na cura de tosse e baixar a pressão arterial, calmante, banhos de purificação.	Cymbopogon citratus (DS) Stapf., Graminae
Erva cidreira	As folhas são usadas para chás calmantes, banhos e defumadores.	Lippia geminata gardn., Verbenaceae

Erva doce	Folhas e sementes utilizadas para chás para o sistema digestivo, também para ajudar a produzir leite materno, é relaxante, vermífuga, diurética.	Pimpinela anisum L., Umbeliferae
Folhas da árvore de manga	As folhas para produção de xarope na cura da tosse e bronquite.	Mangifera indica L. Anacardiaceae
Folhas da árvore de tangerina	Chá utilizado para baixar a febre.	Citrus nobilis Lour., Rutaceae.
Folha de Maracujá	O chá das folhas tem ação diurética, calmante, contra insônia e ansiedade.	Passiflora edulis., Passifloraceae.
Folha de Fogo	As folhas são cozidas para banhar queimaduras e produzir um pó também usado na cura de queimaduras.	Clidemia hirta Baill., Melastomaceae
Fumo de corda	A raiz é para o preparo de xarope para tosse e folhas secas para a defumação para rituais do terreiro.	Nicotiana tabacum L, Solanaceae
Goiabeira	As folhas para chás no combate a diarreia, as cascas na produção de um pó cicatrizante para ferimentos e banhos de assento na cura de hemorróidas.	Psidium guajava L., Myraceae
Guiné	As folhas para banhos e a raiz em infusão com álcool passar na coluna e nas pernas no tratamento de dores e inchaços.	Petiveria alliacea L., Phytolaccaceae
Lavanda	O chá possui propriedades broncodilatoradas, reduz o stress e combate a depressão	Lavandula angustifolia
Limoeiro	As folhas e o fruto servem para chás no combate ao colesterol.	Citrus limonia Osb., Rutaceae
Pata de Vaca (folhas)	As folhas servem para chá e auxilia no combate ao colesterol, diabete e pressão alta e também para problemas renais.	Bauhinia fortificata Leguminosae
Tansagem	Utilizado como chá para gripes, resfriados, inflamação de garganta, útero e intestino.	Plantago major L., Plantaginaceae

Fonte: Elaboração própria, com base em Barros & Napoleão (2009), Lorenzi & Matos (2002).

Salientamos que, disponibilizamos na tabela, algumas das ervas utilizadas em rituais e sugeridas para utilização como erva medicinal, diante da escuta que os adeptos fazem com as pessoas que procuram pela religião de Umbanda na perspectiva da cura de seus males, sejam físicos ou espirituais.

Tivemos a oportunidade de observar e vivenciar a utilização das ervas no cotidiano do terreiro e a forma que as Mães ou Pais de Santo abordavam de uma forma natural e familiarizada quanto a utilização de cada planta, bem como os nomes de cada planta, erva ou raiz, nomeando e identificando de que forma deve-se utilizar.

Explica a Mãe de Santo M. que “as folhas e plantas, até as raízes, precisam ser colhidas com respeito e somente o tanto que irá utilizar para determinado ritual, precisa sempre lembrar que a planta tem sangue vegetal, ela sangra, ela tem axé (força) então precisa de respeito porque nossa religião depende das plantas”.

Ressaltamos novamente que o conhecimento das plantas, raízes e ervas é transmitido, ensinado de forma oral pelos(as) mais velhos(as), de geração a geração, da mesma forma que todos os saberes do terreiro.

Diante deste quadro e do que foi apresentado até então nesta pesquisa, salientamos que os adeptos da religião de Umbanda, vivem suas tradições culturais de matriz africana e indígena, de forma diferente da hegemônica, fundamental para a ressignificação da história e cultura africana e indígena, valorizando a construção que carimba a identidade da população brasileira.

4.1 PRÁTICAS RITUALÍSTICAS E LOCAIS SAGRADOS

As práticas umbandistas possuem em seus rituais elementos que constroem sua liturgia e que demonstram sua cultura religiosa, no entanto, não existe um código doutrinário que regule uniformemente as ações religiosas.

Rituais formam um conjunto de práticas e costumes aprendidos na vivência religiosa na oralidade, conforme aponta Eliade (1993):

O significado do ritual é mais complexo, e quando nos damos conta de todas as suas articulações compreendemos por que a consagração de um território equivale à sua cosmização. (ELIADE, 1993, p. 22).

Os ritos e rituais normalmente são ensinados, conforme anunciado em linhas anteriores, de forma oral, de geração em geração pelos mais velhos, além da vivência de terreiro, aprendizado que sustenta e forma os dirigentes de terreiros chamados de Mães ou Pais de Santo, valorizando o conhecimento ancestral, onde

cada terreiro Umbanda irá praticar e utilizar os elementos de acordo com sua cultura, apontando a Umbanda como uma religião plural.

Deste modo, encontramos uma diversidade ritualística que varia de acordo com as indicações do dirigente do terreiro, somado com as orientações dos guias e protetores espirituais. No entanto, existem muitas semelhanças de rituais que abordaremos de forma simples e objetiva.

Em seus rituais, rezam cantando ou cantam rezando, em português e algumas palavras em dialetos africanos ou indígenas, normalmente ao toque de atabaques.

Vale ressaltar que em todos os rituais de Umbanda, as músicas são utilizadas. A princípio, podem parecer não desempenhar nenhuma função específica, porém, os pontos cantados, como são conhecidos, atuam dentro do terreiro de Umbanda como forma de oração e de direcionar as giras. As melodias conduzem todo o ritual, funcionando como mapeamento de cada momento, e é a partir delas que a benção e o chamamento das entidades espirituais são feitos. Cada ponto cantado possui um ritmo e tem uma função diferente.

Em suas sessões, chamadas de *gira*, que a partir do canto e com a presença do *transe mediúnico* — psicofonia¹⁸ ou incorporação de espíritos ou entidades espirituais — conta com batizados, casamentos, iniciação e desenvolvimento mediúnico para seus adeptos, fluidificação de água, orientações de uso de ervas medicinais, benzimentos, entre outros.

As giras de Umbanda, a sessão em si, também identificada com seus integrantes se alinhando em um círculo, sem necessariamente estarem de mãos dadas — formando o que eles chamam de *corrente mediúnica* — tem por objetivo, ao cantar, chamar seus guias e protetores para auxiliar a todos que procuram a religião como assistência.

A religião Umbanda tem uma forte ligação com o meio ambiente em função dos Orixás que são caracterizados como protetores dos elementos da natureza. Portanto, suas sessões podem ser tanto no terreiro como em espaços abertos como mata, praia, rios, entre outros, conforme apontam os pesquisadores, Silva (2005), Malomalo (2007) e Bastide (1971).

¹⁸ Psicofonia, é um termo utilizado pela Doutrina Espírita para descrever o ato pelo qual um médium permite, consciente ou inconscientemente, que um espírito se manifeste através de seu corpo.

As práticas ritualísticas estão intrinsicamente ligadas aos locais sagrados que são: os terreiros e o além muro, a natureza.

Apresentam riqueza de detalhes nas simbologias, cores, danças e músicas, com especial atenção as plantas, raízes e folhas que são utilizadas para banhos, defumação, limpezas e o uso medicinal como chás, xaropes, infusões, garrafadas, entre outros, normalmente para o alívio ou cura dos males físicos ou espirituais. Estes conhecimentos são passados de forma oral e geracional, buscando respeitar a trajetória do mais velho que transmitirá o que aprendeu.

O saber local dos mais velhos é facilmente encontrado na religião de Umbanda, ao demonstrarem conhecimento de ervas para o tratamento de diversos males que afetam a comunidade, compreensão que tivemos nas conversas informais com as Mães ou Pais de Santo enquanto preparavam o ambiente das sessões, em ocasiões ricas de repasse de conhecimento, pautados na oralidade que permeia estas ações.

Quando inicia a sessão propriamente dita, aberta ao público, a ritualística já iniciou antes mesmo da oração inicial, pois todo o ambiente é preparado para os rituais, inclusive os atabaques são cuidadosamente tratados e afinados antes da gira começar.

É no toque de atabaque, rezar cantando, cantar rezando que o Ogã – nome dado a pessoa que toca o atabaque durante as sessões de umbanda – organiza junto com a Mãe ou Pai de Santo, todas as cantigas que serão cantadas no decorrer dos rituais. São duas figuras importantes, que darão norte as sessões, escolhendo a melhor cantiga que simbolizará a mensagem que se quer passar por meio do cantar rezando.

A cantiga é de extrema importância na Umbanda e são específicas para cada Orixá ou entidade espiritual, ou para cada ritual, como batizados, casamentos, benzimentos, ritos fúnebres. Normalmente os cantos relatam os feitos de uma determinada entidade ou Orixá, estas narrativas são encontradas em todos os terreiros ao som dos atabaques. Estes cânticos são criados pelos adeptos nos diversos terreiros do Brasil inteiro, disseminados de terreiro em terreiro, hoje com mais facilidades tecnológicas que temos na palma de nossas mãos.

Na Umbanda, os adeptos participam efetivamente no decorrer das sessões, por meio dos cânticos especificamente para cada Orixá. Vejamos o trecho de uma letra de uma cantiga para louvar o Orixá Iemanjá:

Pedido na Areia

“E foi nas ondas do mar
Que entreguei os meus problemas
E aprendi a confiar
Que todo mal não dura para sempre
E que a paz é uma semente que precisa semear
E no horizonte de um mar tão infinito
Iemanjá me acolheu e meu deu um mundo tão mais bonito
Eu abri meu coração, ela me estendeu a mão
E entreguei meu caminhar, Iemanjá”
(Música popular de Umbanda - observação participante de janeiro a abril/2019)

A imagem a seguir apresenta o Ogã na postura que identifica o momento de toque no decorrer das sessões:

FIGURA 12 - TOQUE DO ATABAQUE



FONTE: a autora (2018)

Dentre as práticas ritualísticas nos terreiros pesquisados, identificamos rituais de práticas sacramentais como batizados, que marcam a entrada do adepto na religião, em um ritual com preces, toques, cantos e atos litúrgicos específicos que

compõem a linguagem expressiva demonstrando alegria na chegada de mais um integrante, conforme a imagem a seguir:

FIGURA 13 - BATIZADO NA UMBANDA



FONTE: acervo da autora (2018)

Outro sacramento identificado durante a observação participante é o casamento, refere-se a união de duas pessoas, segundo Mãe de Santo M, “é um compromisso assumido na espiritualidade, de muita seriedade”, indicando de alguma forma, a importância deste ritual para a nova vida do casal.

Pai de Santo A. argumenta que o casamento na Umbanda “não tem discriminação, porque duas pessoas podem se unir, independente do seu gênero”, demonstrando que a religião Umbanda não oferece nenhuma discriminação de gênero, cor, raça, condição social, entre outras.

“A cerimônia de casamento na Umbanda, tem um ritual próprio em cada casa, nós chamamos o casal para combinar alguns pontos do matrimônio, é recheada de lindos cânticos, muitos convidados e o terreiro enfeitado da forma que o casal quiser, é um momento único”, frisa o Pai de Santo A.

FIGURA 14 - CASAMENTO NA UMBANDA



FONTE: acervo da autora (2018)

Os rituais, batizados, casamentos e ritos fúnebres, são feitos pela Mãe ou Pai de Santo, cada um com sua característica e necessidade de encaminhamentos.

Ao falar em rituais fúnebres:

Todos morrem, é certo; mas os significados, as práticas, a compreensão/explicação dos mistérios, incertezas e emoções que ela provoca, são atribuídos socialmente. Assim, a igualdade promovida pelo conhecimento da morte traz consigo diferenças relacionadas às formas de morrer (há diferentes tipos de morte), de praticar os rituais e de acreditar no prosseguimento da existência pós-morte (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2013, p.44)

Os rituais fúnebres na Umbanda marcam o fim de um ciclo, a morte do corpo físico, que não é o fim da vida, porque acreditam na reencarnação.

A espécie humana é a única para qual a morte está presente durante a vida, a única que faz acompanhar a morte de ritos fúnebres, a única que crê na sobrevivência ou no renascimento dos mortos (MORIN, 1976, p. 13 apud HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2013, p.44)

Os rituais fúnebres acontecem na presença da Mãe ou Pai de Santo impreterivelmente, dividido em duas partes: a primeira onde ocorre a purificação do corpo com defumação e água consagrada, cruzamento com pomba¹⁹ e aspergir o corpo com óleos e ervas aromáticas. Após esta primeira etapa, o corpo é vestido e levado ao velório, normalmente dentro do terreiro.

Momentos antes do enterro é ministrado pela Mãe ou Pai de Santo a cerimônia fúnebre de encomenda do espírito, que segue:

- Apresentação do falecido
- Palavras acerca dos espíritos
- Prece ao Divino Criador Olorum
- Canto de Oxalá
- Hino de Umbanda
- Canto de Obaluaiê
- Canto ao Orixá de cabeça do falecido
- Despedida dos presentes
- Fechamento do caixão
- Transporte do corpo ao cemitério
- Enterro do corpo
- Cruzamento da cova onde foi enterrado

Estes são os rituais fúnebres que os dirigentes dos terreiros pesquisados elencam de que forma o fazem. Parafraseando Cumino (2011) que explica a origem da palavra ritual localizada justamente no campo religioso em que prescreve minuciosamente como se deve cumprir as formalidades de certa liturgia, qual seja o Ritual Católico da Missa, Ritual Candomblecista do Bori, Ritual Judaico da Páscoa, Ritual Budista de Meditação, Ritual de Batismo, Casamento, Encomenda Fúnebre, entre tantas outras e cada ritual diz respeito de como realizar tal ato. Marcam uma

¹⁹ A pomba consagrada é uma espécie de giz de tamanho grande e benzido. No cruzamento de pomba consiste em fazer uma cruz na testa, garganta, peito, plexo, umbigo e costas das mãos e pés para desligar qualquer iniciação ou cruzamentos (rituais de desenvolvimento na Umbanda) feitos na encarnação desobrigando o espírito a responder aos iniciadores do plano físico, com este processo se neutraliza.

sequência ritual pela repetição de atos e gestos e a importância que se dá a cada uma das partes que formam este todo (CUMINO, 2011).

Rituais, como benzimentos, defumações, orações, podem ser feitos por adeptos com maior tempo de aprendizagem dentro da religião, com a indicação e presença do(a) dirigente, conforme explica o Pai de Santo J:

Quando se trabalha com a espiritualidade, você mexe muito mais que somente no corpo físico, se não souber fazer, inclusive as orações certas, pode dar muito errado e a pessoa pode ficar até pior, os nossos médiuns recebem bastante doutrina para poder atuar e para ser pai ou mãe da casa, demora, precisa ter responsabilidade e saber ouvir seus mais velhos, mais que ouvir, aprender. (PAI J, 2019, entrevista)

Identificamos neste trecho de entrevista com o Pai de Santo J, apontamentos de que forma ocorre a aprendizagem das práticas ritualísticas da Umbanda e o papel dos(as) Mães ou Pais de Santo na condução da aprendizagem dos adeptos no que tange à manutenção da religião.

Solicitamos que o Pai de Santo J. falasse mais sobre a função dos(as) Mães e Pais de Santo e ele nos esclarece da seguinte forma:

A Mãe ou Pai de Santo é responsável por tudo no terreiro e tudo tem que ter o olhar dele(a), a permissão. Eles são autoridades, porque aprenderam tudo com o mais velho e é como uma biblioteca ambulante, por saber tanto. Dominam o conhecimento das folhas sagradas e seus segredos, além de poderosas orações e benzimentos. Não é tão simples ser pai de santo, até porque não tem nada escrito, tudo é de boca em boca, a gente vai ensinando e quem tem interesse, aprende.

Na sua forma humilde de falar que não se forma Mães e Pais de Santo com facilidade, percebemos que o dirigente reforça o teor de responsabilidade e conhecimento que este sujeito deve ter. Outra questão que nos chamou a atenção e que tínhamos como hipótese e constatamos em campo é a aprendizagem por meio da oralidade geracional e a forma consciente de uso e preservação do meio ambiente ensinada pelos mais velhos.

Em uma observação participante, percebemos que os adeptos demonstram carinho e respeito pelos dirigentes, pois segundo a adepta 15, “é uma escolha nossa

entrar na religião e isso se dá a forma que a *Iyá*²⁰ vai nos acolher e nos ensinar”. O acolhimento é somente um dos fatores que a Umbanda proporciona para os adeptos e quem a procura, pois segundo a maioria dos adeptos entrevistados, encontram na Umbanda uma família, motivo provável de chamar o dirigente por Mãe ou Pai de Santo.

Cada um vivencia a sua fé conforme as suas necessidades e o seu acreditar. Contudo, identificamos que o cuidado com o meio ambiente é constante em todos os adeptos em função do elo Orixá versus natureza. Cumino (2011) aponta que na religião de Umbanda, existe uma relação profunda e íntima com diferentes ambientes da natureza, considerados sagrados pela forte ligação com os Orixás e a relação com a matriz Indígena, no qual os deuses que representam a cultura indígena têm o mesmo status dos Orixás, demonstrando a pluralidade encontrada nos rituais umbandistas.

A adepta 15 enfatiza que “antes de ser umbandista não tinha o olhar voltado para o cuidado da natureza, mas com os ensinamentos recebidos em doutrina oral, foi aprendendo que precisava ter mais atenção nisto”.

Constatamos que o aprendizado dos adeptos ocorre de forma oral e geracional, além das experiências e vivências no cotidiano da religião. Ficou também evidenciado na observação participante nos diversos locais sagrados da Umbanda que existe uma forte relação estabelecida com o meio ambiente, com a compreensão de que sem as folhas e ervas, não conseguem realizar alguns rituais. Portanto a necessidade da preservação dos seus espaços sagrados, a natureza, para a continuidade da religião.

Ao dar voz a estes saberes não hegemônicos, observamos o rompimento da invisibilidade e os saberes supostamente minoritários, ao mesmo tempo o valor de uma cultura que estimula o cuidado pela natureza. Não obstante, cada terreiro faz seus rituais conforme o aprendizado adquirido do dirigente pelos seus mais velhos(as). Vale frisar que na observação participante constatamos que os rituais são semelhantes, mas, segundo os dirigentes dos terreiros entrevistados afirmaram muitos terreiros fazem rituais muito diferentes do que aprenderam nos processos

²⁰ *Iyá* – mãe em Yorubá (pronúncia *iá*). *Iyámi* – em Yorubá, minha mãe. *Iyámi Agbá* – em Yorubá, minha mãe anciã. (Conhecimento adquirido pela oralidade das mais velhas desta pesquisadora, também identificada como Mão de santo)

doutrinários a que estão habituados, salientam ainda que muitos não fazem Umbanda mas criam situações que pioram a imagem da religião.

Diante deste recorte inesperado da pesquisa, iniciamos uma busca na federação nacional de Umbanda, questionando o que estão fazendo a este respeito. Recebemos a devolutiva de que existe um documento apresentado no Congresso Nacional de Umbanda em São Paulo, desde 2013 e ainda está em estudo pelas lideranças a fim de trazer mais propostas para um melhor direcionamento de organização jurídica e administrativa no que diz respeito à organização dos terreiros e federações de Umbanda. Chamada de “Carta Magda da Umbanda” (anexo 1), onde suas bases estão registradas os princípios seguidos por religiosos de Umbanda do mundo.

Desde sua criação e apresentação, o documento já foi apresentado e discutido em vários estados do Brasil, onde surgiram ideias e regulações das lideranças de terreiros e federações que entendem e apontam a necessidade do documento como organizador das práticas e postulados básicos, tendo como finalidade de fundamentar um pensamento único, em relação a vários pontos específicos. Esses pontos são aspectos claros existentes em qualquer vertente da religião de Umbanda, e passam a ser uma forma de normatizar a base da religião.

Ao estudar o documento, ficou claro que o mesmo, não sugere ser nenhum tipo de codificação, somente consideram que a normatização nada mais é do que uma forma de trazer a unidade, de forma coerente para a difusão da religião de Umbanda, respeitando a liturgia e os estudos aplicados em cada vertente.

Ao fazer a leitura da Carta Magda da Umbanda, observamos que a mesma propõe a união, não a unificação. Descreve que após a sua aprovação e instituição como documento referencial para a religião, a cada quatro anos, será convocado novo Congresso Nacional e Internacional de Umbanda para reavaliação e aperfeiçoamento da Carta Magda da Umbanda, onde o principal objetivo é o respeito pela ancestralidade e tradição que deverão caminhar para a evolução natural que se adequará aos novos tempos, para a legitimação da Religião, no entanto, pela federação deste estado, a carta ainda encontra-se em estudos. (FUEP, 2019)²¹.

Ações como esta, que abre para o debate, são processos que inspiram políticas públicas para os povos de terreiro, de enfrentamento à intolerância

²¹ Acessado em 16/12/2019 - <https://www.fuep.org.br/artigos-e-textos/349-2/>

religiosa, na obtenção do respeito aos territórios, seus espaços sagrados e sua forma particular de professar a fé.

O objetivo básico de uma política pública, a priori, é a solução de problemas sociais. Os problemas encontrados nos terreiros pesquisados, apontados pelas Mães e Pais de Santo são basicamente a falta de segurança dos adeptos e frequentadores, bem como a insegurança patrimonial, motivada pela intolerância religiosa, falta de representatividade política e as condições de invisibilidade social.

Um dos pontos de maior atenção, é no que tange a doutrina oral, em que as Mães e Pais de Santo, apontam a importância do cuidado com o meio ambiente, para tanto, acreditamos que a questão ambiental é merecedora de atenção do Estado, que poderia colaborar com campanhas educativas no sentido de preservar o meio ambiente, com utilização de materiais orgânicos e biodegradáveis nas oferendas em suas práticas ritualísticas.

Outro ponto que apontamos é a necessidade de fomentar a proteção dos terreiros, inclusive orientação jurídica, a fim de buscar defesa legal junto aos coletivos e individualmente. Neste sentido, a indicação da construção de políticas públicas, coloca a academia, por meio da pesquisa, no papel colaborativo, a fim de promover uma sociedade mais justa e igualitária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Eu fecho a nossa gira
com Deus e Nossa Senhora.
Eu fecho a nossa gira
samborê pamba de Angola”.
(Cantiga popular de Umbanda)

A intenção de fazer este trabalho foi pelo desejo de obter maior conhecimento relacionado a religião de Umbanda por meio do pensamento científico, com a intenção de divulgar e difundir esse conhecimento trazendo visibilidade para temática e, quiçá, atuando para combater estereótipos e preconceitos.

Como pesquisadora, encontrei certa dificuldade durante o início da observação participante, em virtude do fato de ser adepta da religião. A todo instante foi preciso rever o papel de pesquisadora, não raro, tive vontade de colocar no papel somente o conhecimento adquirido como Mãe de Santo, adepta da religião pesquisada. Por isso, foi necessário rigor e cuidado metodológico redobrado, portanto, fui orientada a debruçar em mais estudos que corroborassem com o fazer pesquisa “de tornar o familiar em exótico” (VELHO, 1978).

Neste processo de vantagens e desvantagens, o fator predominante da vantagem era de ser adepta, desta forma, tinha as portas abertas para a pesquisa e compreendia a linguagem para traduzir as narrativas da pesquisa.

Enquanto pesquisadora, ao voltar o olhar para as práticas ritualísticas, seus espaços sagrados e sua relação com o meio ambiente, nosso principal objetivo nesta pesquisa, nos deparamos com o caráter subjetivo e particular do espaço sagrado da Umbanda, que está intrinsecamente interligado aos espaços da natureza, tais como mata, praia, cachoeira, entre outros espaços que vão além muro do terreiro.

Partindo deste viés, não temos a necessidade de estabelecer verdades absolutas, mas caminhos que promovam novas discussões e possibilitem construções futuras.

Ao iniciar este trabalho, optamos por observar as pesquisas elaboradas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), com o intuito de analisar o

crescimento de adeptos da religião de Umbanda. No entanto, registramos que muitos umbandistas preferem se dizer católicos ou espíritas, devido a diversas razões relacionadas geralmente à intolerância religiosa e que, por isso mesmo, não é possível conhecer o real número de umbandistas no Brasil.

Ainda assim, constatamos o crescimento da Umbanda desde o seu surgimento e que está consolidada como uma religião brasileira, sendo inquestionável para a cultura do país.

Quanto ao “problema do surgimento”, nas palavras de Giumbelli (2002), a Umbanda ganhou visibilidade no século XX quando Zélio Fernandino de Moraes incorporou o Caboclo Sete Encruzilhadas e anunciou a nova religião com a nomenclatura Umbanda. Não obstante, observamos que suas raízes vêm de práticas ritualísticas como Calundu, Cabula e Macumba, desde o século XVII aproximadamente, que apresentam elementos bastante semelhantes, de acordo com Brown (1985), aos encontrados na Umbanda.

Nas interpretações de suas raízes, no berço brasileiro com elementos africanos, que se situam os prováveis motivos de tantos preconceitos. O preconceito existe, o som dos atabaques anuncia onde está localizado o terreiro, está aí o espaço subjugado como alvo de intolerância.

Ao falarmos de elementos africanos que compõe a Umbanda, levamos em consideração a dinâmica civilizatória que foi reconstruída pelos afrodescendentes em solo brasileiro, trazendo todo um conhecimento valorizado nos terreiros.

Os espaços ocupados pelos terreiros de Umbanda são sagrados e fazem parte da história brasileira, além de demonstrar a resistência da religião nesta sociedade, assim colabora para a valorização das distintas manifestações culturais, fortalecendo a identidade de um povo.

Uma das práticas educativas observadas durante a pesquisa, é a socialização dos valores cultivados na religião de Umbanda, com fundamentos e organização ritualística, ancorada na prática do bem, da caridade, do respeito e humildade, conhecimentos transmitidos de forma oral e geracional, além das vivências. Os valores apreendidos no terreiro são de extrema significância para os adeptos, a contar que extrapolam os limites rituais do terreiro, ampliando-se como visão de mundo e orientação moral para um modo de vida baseado nestes princípios.

Destacamos a importância de registrar um pouco a respeito da Umbanda e a utilização de suas plantas sagradas, como uma forma de valorização de uma religião

que, por conta da matriz cultural africana e indígena, foi historicamente renegada ou marginalizada em nossa sociedade. É uma forma de combater o que Nogueira (2011, p.24) chama de epistemicídio, que corresponde justamente ao “assassinato e a recusa da produção de conhecimento de determinados grupos”, no caso brasileiro, notadamente o negro e o indígena.

Nesse sentido, acreditamos que esta pesquisa, colabora, ainda que timidamente, com o fortalecimento de um grupo não hegemônico que demonstra resistência por meio da oralidade perpassando de geração a geração com forte apelo de cuidado e preservação da natureza.

Sachs (1986, p. 12) aponta que “recursos naturais existem em quantidades finitas”, vivemos em uma sociedade onde tudo se destrói e se acaba em nome do desenvolvimento desenfreado, sem a preocupação das consequências.

A cultura capitalista concebe os meios naturais como simples reservatório de energia, podendo ser explorada à vontade. Direção contrária que constatamos na religião de Umbanda.

Em seus rituais, a Umbanda enquanto religião ligada a natureza, cultuando seus Orixás, tanto em seus terreiros como além muro, sobrevive aos preconceitos arraigados na sociedade, resiste em manter seus ritos a partir de uma doutrina e conhecimentos recebidos do(a) dirigente espiritual, chamados de Mãe ou Pai de Santo. Normalmente o dirigente é uma pessoa mais velha que resgata e mantém os saberes populares adquiridos pela experiência e transmissão oral.

Essa pesquisa parece assinalar para a necessidade futura, senão imediata, de se pensar em políticas públicas para os povos de terreiro, de enfrentamento à intolerância religiosa, na obtenção do respeito aos territórios, seus espaços sagrados e sua forma particular de professar a fé. Sendo assim, um diálogo precisa ser estabelecido com o poder público, para que os adeptos da religião de Umbanda efetivem o direito de culto nos seus espaços considerados sagrados e a preservação do seu patrimônio imaterial.

Por fim, não menos importante e sem encerrar o debate, mas instigando novas produções, destacamos as relações de poder, os territórios umbandistas (o corpo do médium, a rua, a mídia, as forças da natureza, o terreiro) e a educação das crianças pequenas nos terreiros de Umbanda, como novos atores e bases de análises para que a religiosidade e sua dinâmica simbólica e espacial possa ser repensada, debatida e fortaleça nosso campo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARROS, Sulivan Charles. **Geografia e Territorialidades na Umbanda: usos e apropriações dos espaços urbanos**. Ra'e Ga: O espaço geográfico em análise, Curitiba, 2008.

_____. **Brasil Imaginário: umbanda, poder, marginalidade social e possessão**. Tese de Doutorado em Sociologia. Brasília, Departamento de sociologia, Universidade de Brasília, 2004.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. v. 2. São Paulo: Edusp, 1971.

_____. **O Candomblé da Bahia: rito nagô**. Tradução Maria Isaura Pereira de Queiroz; revisão técnica Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BENJAMIN, W. **O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: **Magia e arte, técnica e ciência**. Obras escolhidas. Vol I, São Paulo: Brasiliense, 1993.

BERKENBROCK, V. J. **A experiência dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei 9394 – 24 de dezembro de 1996. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

BROWN, Diana. 1985. **Uma história da umbanda no Rio**, in BROWN, D. (et al) **Umbanda e política**, Rio de Janeiro, Marco Zero, pp. 9-42.

CACCIATORE, O. G. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1988.

CUMINO, A. **História da Umbanda: uma religião brasileira**. São Paulo: Madras, 2011.

DENARDIN, Valdir Frigo. **Desenvolvimento Territorial e Estratégias de Valorização da Origem dos Bens Alimentares** in **O Sabor da Origem: Produtos Territorializados na nova dinâmica dos mercados alimentares/Organizadores** Wilkinson, J., Nierderle, Paulo A., Mascarenhas, Gilberto C.C. – Porto Alegre: Escritos do Brasil, 2016.

DURHAN, Eunice. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: Cardoso, R. **A aventura antropológica. Teoria e Pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988 [1986], p. 17-38.

ELIADE, M. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
FERNANDES, F.; BASTIDE, R. **Branco e Negro em São Paulo**. São Paulo: Global, 2008

GIDDENS, Antony. **Sociologia**. 6ª Ed. Lisboa: Presença, 2008

GIUMBELLI, Emerson. **A presença do Religioso no Espaço Público: Modalidades no Brasil**. *Religião e Sociedade*, v. 28, n. 2, p. 80-101, 2008a.

_____. **Heresia, doença, crime ou religião: o espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais**. *Revista de Antropologia (USP)*. São Paulo, v. 40, n. 2, p. 31-82, 1997.

_____. **Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro**. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). *Caminhos da alma*. São Paulo: Selo Negro, 2002, p. 183- 217.

GOMES, Nilma L. **Corpo Transgressor**. *Revista Brasileira de Educação*. In: Espaço acadêmico. 2002.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. RJ: Bertrand Brasil, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **A Tradição viva. História geral da África**. Editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2. Ed. Ver. – Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. T. **Velhas benzedeadoras. Dossiê – O final da vida no século XXI**. *Revista Mediações*, Londrina, vol. 17, n. 2, p. 126-140, jul./dez. 2012. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/14025> acessado em 29/04/2019

_____. **Memórias de Morte e Outras Memórias: Lembranças de Velhos**. Curitiba: Ed.UFPR, 2013.

IBGE. Censo Demográfico 1966 – Anuário Estatístico do Brasil – 1966 - Resultados da Amostra. IBGE. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1966.pdf acessado em 23/11/2019.

_____. Censo Demográfico 2000 – Características Gerais da População. Resultados da Amostra. IBGE, 2003. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default_populacao.shtm. Público acesso em 15 de agosto de 2018.

_____. Censo Demográfico 2010 – Características Gerais da População. Resultados da Amostra. IBGE, 2010. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010default_populacao.shtm. Público acesso em 15 de agosto de 2018.

JUNIOR, Henrique Cunha. **Candomblé: como abordar esta cultura na escola.** Revista Espaço Acadêmico.n.102.Nov.2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O feiticeiro e sua magia In: __ Antropologia Estrutural.** São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LINARES, Antonio; TRINDADE, Diamantino; COSTA, Wagner. **Iniciação à Umbanda.** São Paulo: Medras, 2018.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. Abreu. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas.** Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2002.

LÜHNING, Â. Ewé: as plantas brasileiras e seus parentes africanos. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jeferson (Orgs.). **Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida.** 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador, BA: CEAO, 2006. p. 257-88.

OLIVEIRA, M. F. S. de; OLIVEIRA, O. J. R. de. **Na trilha do caboclo: cultura, saúde e natureza.** Vitória da Conquista: Ed. UESB, 2007.

MALOMALO, Bas'Illele. **Poder simbólico alternativo e identidade étnica: um estudo do Instituto do Negro Padre Batista.** Religião & Cultura, Da Tradição Inventada ao Sincretismo Assumido: hibridismos religiosos em discussão, v. 5, n. 10, p. 63-74, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOREIRA, Herivelto e CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas.** Revista Sociedade e Cultura, v. 4, n. 2, jul./dez. 2001, p. 31-43.

NEGRÃO, L. N. **Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo.** São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1996.

NOGUERA, Renato. **O Ensino de Filosofia e a Lei10639/03.** Rio de Janeiro: CEAP, 2011.

ORTIZ, R. **A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira,** São Paulo, Brasiliense, 1999. 2ª ed.

PEREIRA, Clevisson J. **Espaço Sagrado: Debates, abordagens e uma proposta teoria in Poder e Religiosidade: o espaço sagrado do sec.XXI.** Curitiba:PR – Ed.UFPR, 2015.

PRANDI, Reginaldo. **O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso**. Estudos Avançados, Dez 2004, vol.18, no.52, p.223-238.

_____. **Os Candomblés** de São Paulo. São Paulo:HUCITEC/Edusp, 1991

QUERINO, M. **A raça africana e seus costumes na Bahia**. Salvador: P555 Ed., 2006.

RAMOS, Arthur. **O Negro brasileiro**. São Paulo: Nacional, 1940.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Introdução à geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 167-186.

SACHS, I. **Ecodesenvolvimetro: crescer sem destruir**. São Paulo: Vértice, 1986.

_____. **Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Vagner Gançaves da. **Candomblé e Umbanda. Caminhos da Devoção Brasileira**. 5ª ed. – São Paulo: Selo Negro, 2005.

SAQUET, Marcos. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial**. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

_____. **A Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007a.

_____. **As Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007a.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: NUNES, E. de O. (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-47.

VERGER, Pierre F. **Orixás**. Salvador: Corrupio, 2002.

_____. **Lendas Africanas dos Orixás**. Salvador: Corrupio, 1999.

GLOSSÁRIO

Atabaque – instrumento de percussão considerado sagrado nas religiões de matriz africana.

Entidade – Na Umbanda e religiões afro-brasileiras, uma entidade é um espírito que atingiu uma certa evolução espiritual e que tem permissão para se comunicar com os seres humanos através de médiuns, exercendo o papel de conselheiro, orientador e/ou benzedor. Na Umbanda, entidades de direita seriam os pretos velhos (espíritos de negros africanos) caboclos (espíritos de indígenas brasileiros), erês (espíritos de crianças). Entidades de esquerda seriam os Exús, tidos como os mensageiros e justiceiros.

Exu – No candomblé, Exu é um dos maiores Orixás (um tipo de divindade). É uma espécie de mensageiro, que faz a ponte entre o humano e o divino e muitas vezes é descrito como sendo travesso, fiel e justo. Na Umbanda Exu sempre está ligado à vitalidade, à força, à proteção e à aplicação da lei em seus domínios espirituais.

Mãe ou Pai de Santo – dirigente da religião Umbanda ou do Candomblé, Sacerdote, Yalorixá ou Balalorixá.

Nhanderú – Na vertente indígena Guarani significa Deus.

Olodumare – Nas religiões com descendência de nação Iorubá, o ser supremo é Olódùmarè, que vive numa dimensão paralela à nossa, conhecida como Òrun (céu). Por isso, também é chamado de Olórun, Senhor do Òrun, ou Olorum. É o Criador do Òrun e do Àiyé(terra), o universo conhecido ou ainda desconhecido por nós (SILVA, 2005).

Olorum – Senhor do Òrun, criador do céu e da terra, também chamado de Olodumare.

Orixá – divindades cultuadas pelos iorubas do Sudoeste da atual Nigéria, Benin e do Norte do Togo, trazidas para o Brasil pelos negros escravizados dessas áreas e aqui incorporadas por outras religiões, como o Candomblé e a Umbanda. São divindades tidas como elementos da natureza, e cada Orixá representa uma força da natureza, como ancestrais divinizados que se transformaram em rios, árvores, pedras etc. e que fazem de intermediários entre os homens e as forças naturais e sobrenaturais (Oxalá, Iemanjá, Ogum, Iansã, Oxum, Oxóssi, Ossain, Xangô, Nanã Buruque, Obá, Obaluaê, Oxumarê, Exu etc).

Passe – benzimento

Terreiro – o termo terreiro indica o espaço físico dos cultos, sinônimo de tenda, casa, cabana, barracão, centro.

Transe mediúnico – estado alterado da consciência com a incorporação de espíritos ou entidades espirituais.

lyá – mãe em Yorubá (pronúncia iá). *lyámi* – em Yorubá, minha mãe. *lyámi Agbá* – em Yorubá, minha mãe anciã.

Zambi – Nas religiões de matriz africana que segue a nação de Angola, Zambi significa e/ou equivale a Deus.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE PESQUISA

Roteiro de Entrevista para o(a) Mãe ou Pai de Santo (Dirigente do Terreiro)

Nome:

Idade:

Sexo:

Cor:

Profissão:

Grau de escolaridade:

1. Você já foi de outra religião ou sempre foi umbandista? Caso positivo, qual?
2. Há quanto tempo você é umbandista?
3. Você já frequentou mais de uma religião simultaneamente?
4. Você enxerga alguma semelhança do terreiro com uma igreja católica ou um centro espírita (altar, lugares definidos, sermão, imagens)?
5. Seu círculo social (amigos pessoais, trabalho, vida social em geral) sabem que você é umbandista?
6. Quanto tempo já atua como Mãe ou Pai de Santo?
7. O que precisa para ser Mãe ou Pai de Santo?
8. Como foi sua trajetória dentro do terreiro? Do primeiro contato até se tornar dirigente?
9. Quais os principais rituais da Umbanda?
10. Existem territórios sagrados para a Umbanda? Quais?
11. Como é a realização de oferendas e/ou cultos aos Orixás nestes territórios sagrados?
12. Como o umbandista se relaciona com o meio ambiente?
13. Ervas medicinais são utilizadas? De que forma?
14. Como ocorre a aprendizagem das práticas ritualísticas da Umbanda?
15. Como e em que momento existe a condução da aprendizagem aos adeptos do terreiro?

APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE PESQUISA

Roteiro de entrevista para os adeptos do terreiro de Umbanda

Nome:

Idade:

Sexo:

Cor:

Profissão:

Grau de escolaridade:

1. Você já foi de outra religião ou sempre foi umbandista? Caso positivo, qual?
2. Há quanto tempo você é umbandista?
3. Como você conheceu a Umbanda?
4. Como foi o seu primeiro contato com um terreiro de umbanda? Como você se sentiu?
5. Você já frequentou mais de uma religião simultaneamente?
6. Você enxerga alguma semelhança do terreiro com uma igreja católica ou um centro espírita (altar, lugares definidos, sermão, imagens)?
7. Seu círculo social (amigos pessoais, trabalho, vida social em geral) sabem que você é umbandista?
8. Qual o cargo que você ocupa dentro do terreiro?
9. Quanto tempo está neste cargo e como é o processo para chegar neste patamar?
10. Seu (sua) Mãe ou Pai de Santo tem alguma influência neste processo?
11. Quais os principais rituais da Umbanda que você já participou ou que conhece?
12. Existem territórios sagrados para a Umbanda? Quais?
13. Como é a realização de oferendas e/ou cultos aos Orixás nestes territórios sagrados?
14. Você já viu alguma oferenda que tenha elementos que degradam o meio ambiente?
15. Como o umbandista se relaciona com o meio ambiente?
16. Ervas medicinais são utilizadas? De que forma?
17. Como ocorre a aprendizagem das práticas ritualísticas da Umbanda?

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA DIRIGENTES E ADEPTOS DE TERREIROS

Eu, Adriana Cristina Zielinski do Nascimento, juntamente com minha orientadora Prof^a. Marisete Teresinha Hoffmann Horochovski, da Universidade Federal do Paraná (UFPR) convidamos o senhor(a) para participar desse estudo que busca conhecer e entender mais sobre a Umbanda, sua relação com o meio ambiente, suas práticas ritualísticas e seu(s) território(s) sagrado(s).

a) A pesquisa busca compreender e registrar as práticas ritualísticas da religião de Umbanda. A sua participação nesse estudo é muito importante e será muito importante ouvi-lo(a), sobre sua vivência nos locais sagrados da Umbanda e a relação com o meio ambiente.

b) Se o(a) senhor(a) concordar em participar será necessário que responda algumas perguntas sobre suas experiências na Umbanda, por aproximadamente 30 minutos.

c) Caso o (a) senhor(a) experimente alguma sensação de mal-estar durante a entrevista ou se percebermos que alguma pergunta ou lembrança lhe incomodar, sua participação poderá ser interrompida.

d) Os riscos relacionados ao estudo são mínimos e estão relacionados ao desconforto ou mal-estar em responder as questões. A pesquisa não tem a intenção de fazer nenhum tipo julgamento moral sobre suas vivências e em nada prejudicará.

e) O benefício que a pesquisa propõe é contribuir para o resgate e registro dos conhecimentos tradicionais, transmitidos de geração a geração existente na religião de Umbanda.

f) A sua participação neste estudo é voluntária, ou seja, só se for da sua vontade e decisão, e no caso de não querer mais fazer parte da pesquisa, poderá desistir a qualquer momento e pedir que lhe devolvam este Termo assinado.

g) Seu nome ou qualquer outro dado que possa identifica-lo(a), será mantido em sigilo e codificado (substituído por apelidos ou números/letras), caso sejam usados em relatórios ou publicações. As gravações feitas durante as entrevistas (com sua autorização), serão utilizadas unicamente para essa pesquisa e serão destruídas quando a pesquisa for encerrada.

h) Não haverá despesas para a participação na pesquisa, pois as entrevistas serão agendadas e realizadas no seu terreiro de Umbanda onde frequenta. Assim,

esclarecemos que o senhor(a) não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.

i) No caso de precisar de ajuda para leitura e/ou explicação sobre esse termo, a pesquisadora se prontifica em fazê-lo afim de tirar quaisquer dúvidas. Caso queira, poderá trazer um familiar ou pessoa de sua confiança para sentir-se mais seguro (a).

Se tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você poderá contatar as pesquisadoras Adriana Cristina Zielinski do Nascimento (adrianazielinski@gmail.com), Marisete Teresinha Hoffmann Horochovski (marisetejh@gmail.com), responsáveis por este estudo, durante ou depois de encerrado o estudo.

Eu, li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim. Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Data: ___/___/_____

Local: _____

Participante de Pesquisa

Mestranda Adriana Cristina Zielinski do Nascimento

Profª Dra. Marisete T. Hoffmann Horochovski

ANEXO 1 – CARTA MAGNA DA UMBANDA

1. A religião de Umbanda é genuinamente brasileira, com as seguintes características em sua origem:

- É milenar, porque seus fundamentos são os mesmos que presidiam o reencontro com Deus, desde o início da raça humana no nosso planeta.
- É cósmica, porque seus fundamentos culminaram com a união preconizada pelo Movimento Umbandista dos quatro pilares do conhecimento humano, que são: a Filosofia, a Ciência, a Religião e a Arte.
- É evolutiva, em suas manifestações, porque a Umbanda se manifesta em seu dia-a-dia, utilizando todos os recursos positivos existentes no ontem, no hoje e, com certeza, se valerá dos que vierem, no amanhã.
- É crística, porque os seus aspectos, princípios, postulados e finalidades estão baseados nos ensinamentos dos Mestres da Luz, principalmente no Mestre Jesus, sendo a manifestação e a vivência do Evangelho Redentor. Aceitando tudo o que é bom, rejeitando o que não eleva e caminha ao crescimento do ser humano.
- É brasileira, em suas origens. Como prática religiosa surgiu e desenvolveu-se no Brasil, instituída pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, através da mediunidade de Zé-lio Fernandino de Moraes, em 15 de novembro de 1908.

2. A Umbanda teve, na sua origem, contribuições da Doutrina Espírita, e contribuições positivas das religiões Indígena, Africana, e Católica Popular. Contudo, a Umbanda é isenta de interferências das religiões citadas, não se submetendo a nenhum dogma relacionado com elas.

3. A Umbanda integrou, reinterpreto e adaptou algumas visões religiosas aludidas (Indígena, Africana, e Católica Popular), de acordo com sua própria percepção, dando origem a uma religião de base universalista.

4. A Umbanda tem Hino próprio desde 1961, de autoria de José Manuel Alves (letra) e Dalmo da Trindade Reis (música).

5. A Umbanda é: doação, caridade, compromisso, prosperidade e humildade.

a) DOAÇÃO: A Umbanda tem no voluntariado, no serviço mediúnico a forma de crescimento natural da religião, onde a participação é fundamental. É por meio da doação que o mediano aprende a valorizar o seu Templo e a socializar com os seus irmãos.

b) CARIDADE: A ação caritativa é uma das formas da elevação do espírito. Fora da caridade não existe a compreensão da missão evolutiva do religioso de Umbanda. A

caridade é a expressão máxima do aprendizado religioso em sua plenitude pelo médium de Umbanda.

c) COMPROMISSO: A Umbanda tem no compromisso do médium com o bem, com a verdade, com a lealdade, com a caridade, com a entrega pessoal e com o respeito, a essência do verdadeiro religioso como forma de evolução.

d) PROSPERIDADE: A prosperidade se dá a todos os níveis pelo esforço de crescimento e desenvolvimento diário em todos os sentidos. A prosperidade não se ganha, se conquista através da prática da honestidade, do esforço, do conhecimento e pelo trabalho individual, onde, amparado por sua fé e merecimento, o indivíduo conquistará seus objetivos.

e) HUMILDADE: O religioso de Umbanda tem como base espiritual a sua humildade; entendendo que ele, médium, não é melhor que ninguém, mas sim tem a responsabilidade maior e compromisso como instrumento da Espiritualidade em transmitir as mensagens de Luz, passadas pelos planos elevados. Na Umbanda, existe uma hierarquia espiritual que orienta os trabalhos, com Dirigentes, Médiuns e Auxiliares; porém, todos sabemos que no plano material somos, em todos os momentos, aprendizes e professores e todos nós estamos em constante aprendizado, não sendo ninguém melhor do que o outro, apenas com funções e responsabilidades diferentes. Entendemos que quem deve ser glorificado é Deus, nunca o medianeiro.

6. O religioso de Umbanda segue o que foi anunciado pelo seu fundador, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, bem como, os ensinamentos dos Espíritos Crísticos, os Mestres do Amor, como via evolutiva para se chegar a uma espiritualidade superior.

7. A Umbanda traz em si a base religiosa que deve ser considerada: Amar, respeitar, não julgar, não caluniar, atuar sempre com a verdade, na base do bem, da educação e da elevação. O posicionamento ético em qualquer religião deve se basear em tais predicados, manifestados pelos verdadeiros religiosos.

8. Os médiuns são vistos como religiosos e devem agir como tal, com fé em Deus, nos Sagrados Orixás e nos Guias Espirituais; possuir os atributos da fé, amar seu semelhante, não julgar, não caluniar, ser pacificador, estar ao serviço do bem e jamais utilizar o seu conhecimento de forma torpe. Esses atributos são posicionamentos éticos e morais para todos os que comungam da fé umbandista.

9. A Umbanda atua na elevação, na educação religiosa e na evolução dos Espíritos, praticando trabalhos que visam o progresso do ser humano, direcionando a reforma íntima por meio dos postulados de Jesus, da vibração dos Sagrados Orixás e dos ensinamentos dos Espíritos Crísticos, que são transmitidos pelos Guias Espirituais que se manifestam nos Templos de Umbanda.

10. A Umbanda é uma religião que crê na existência de um Deus único, inteligência suprema, causa primária de todas as coisas, eterno, imutável, imaterial, onipotente, onipresente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições.

11. A Umbanda crê no Mestre Jesus, pautando seu aspecto doutrinário baseado em Seus ensinamentos.

12. A Umbanda crê na existência de Hierarquias Divinas, denominadas por nós de Orixás, responsáveis pela sustentação planetária, e alicerces para direcionarmos nossas condutas na prática do amor, da caridade e da fé. Não são deuses, mas sim, denominações humanas para os Poderes Reinantes do Divino Criador.

13. A Umbanda reverencia a Mãe Natureza, por ser nela que se encontra a mais pura manifestação Divina, por onde os Sagrados Orixás se manifestam energeticamente com mais intensidade e, também, porque vamos buscar e nos harmonizar com as forças ali reinantes, sustentadoras de toda a forma de vida planetária.

14. A Umbanda crê na existência da comunicação mediúnica por meio de medianeiros preparados para tal tarefa, em trabalhos caritativos, em atendimentos fraternos em coparticipação com os Guias Espirituais. 19 Carta Magna da Umbanda

15. A Umbanda prima pela simplicidade de seus rituais, o que permite a dedicação integral do tempo das sessões ao atendimento fraterno dos que a ela recorrem.

16. Nos atendimentos fraternos está o cerne do assistencialismo da Umbanda, sempre de forma caritativa.

17. Umbanda é sinônimo de prática religiosa e caritativa, não se coadunando com cobranças pecuniárias pelo que faz. Não faz parte de seus fundamentos a retribuição financeira pelos atendimentos fraternos ou pelos passes realizados. Contudo, é lícito, quando necessário para sustentação, manutenção e desenvolvimento dos Templos, assim como, para proporcionar conforto e bem-estar a seus frequentadores, o chamamento dos médiuns e das pessoas que frequentam o Templo para contribuírem para esses fins. Todavia, a contribuição far-se-á conforme o critério de cada Templo, mas de uma forma moderada e ajustada às necessidades, sem que haja discriminação ou preconceito para com aqueles que não possam contribuir.

18. No caso específico de dirigentes umbandistas que passaram a dedicar-se integralmente ao Culto, em determinadas situações e regiões, cobrando nomeadamente por suas consultas, as sessões (giras) devem continuar públicas e abertas, onde é facultada a solicitação de contribuições voluntárias aos membros e assistidos.

19. A Umbanda possui sacramentos e ritos próprios, tais como: o batismo, o casamento e o fúnebre.

20. Os principais ritos da Umbanda são realizados por meio de orações, pontos cantados, que, em alguns Terreiros, são ritmados através de instrumentos musicais.

21. A Umbanda realiza sessões e trabalhos de limpeza espiritual, descarregos e energética, assim como o de aconselhamento e tratamento espiritual, que visam o

bem-estar e o desenvolvimento espiritual, consciencial, emocional e moral do indivíduo. Nesses trabalhos são utilizados o passe energético, o uso ritualístico do tabaco e dos elementos vegetais, designadamente, em defumações, em banhos e/ou amacis. A Umbanda ainda se utiliza de componentes minerais, tais como: pedras, cristais, metais e a pomba, que são elementos condensadores de energia, como também, da energia essencial dos elementos da natureza.

22. A Umbanda recorre às orações, desobsessões, ou, se preciso for, às oferendas de flores, bebidas, frutos, sucos, chás, alimentos, incensos e velas. A oferenda, além de operação espiritual/vibracional, é também uma reverência espontânea aos Sagrados Orixás e é recomendada a sua prática aos seus fiéis, visto que entendemos que esses elementos possuem elevadas vibrações energéticas que podem ser manipuladas espiritualmente em benefício de algo ou alguém. Entendemos também que um dos objetivos da Umbanda é o de elevar e sublimar o espírito e seus iniciados e assistidos pela ética de Cristo.

PRINCÍPIO DE IGUALDADE

23. A Umbanda defende a todos um tratamento digno e igualitário, pois ninguém pode ser privilegiado, favorecido, prejudicado, discriminado, privado de direitos ou dispensado de deveres em razão de ascendência, descendência, sexo, orientação sexual, cor, etnia, raça, idade, língua, religião, descrença religiosa, grau de instrução, condição econômica e social, território de origem, convicção política, ideológica e filosófica.

DIREITO À VIDA

24. A religião de Umbanda defende que a vida humana é inviolável.

25. Não é admissível para a Umbanda a pena de morte.

SUICÍDIO / EUTANÁSIA / DISTANÁSIA / HOMICÍDIO

26. A Umbanda, por valorizar a vida, nos aspectos terreno e espiritual, entende que a passagem deve ser natural, respeitando a Lei do Carma e aprendizados importantes ao espírito.

27. A Umbanda defende que ninguém tem o direito de abreviar voluntariamente a sua vida pelo suicídio.

28. Só o Criador, através de Sua Onisciência, Onipresença e Onipotência, sabe o momento do desenlace carnal de qualquer indivíduo.

29. Assim, mesmo no caso em que a morte é inevitável e a pessoa esteja em situação de sofrimento, a Eutanásia ativa praticada por pessoas, mesmo que com motivação altruística é compreendida pela Umbanda como a falta de resignação e de submissão à vontade do Divino Criador.

30. A Distanásia que é prolongamento da vida por tratamentos extraordinários e a Ortonásia, que é a decisão de não se submeter a tais tratamentos considerados paliativos, do ponto de vista clínico, legal e espiritual, não ferem o conceito religioso de Umbanda porque o paciente é livre para submeter-se ou não a tratamentos e

cirurgias consideradas ou não de risco, e se o fizer, virá a falecer de causas naturais da evolução da doença, sem interferências de pessoas no processo do Criador.

31. Práticas que atentam contra a vida humana ou animal, não são aceitas pela Umbanda.

32. Porém, homicídio cometido em legítima defesa própria ou de terceiros, ou por erro não censurável, não acarreta ônus espirituais sobre tais fatos.

ABORTO

33. A Umbanda é contra a prática do aborto considerado interrupção da gestação.

34. Na Umbanda entende-se que a partir da concepção da vida pré-embrionária já existe um Espírito que anseia por sua evolução.

35. Os progenitores com ou sem auxílio de terceiras pessoas que provoquem o aborto por qualquer meio, e em todo período da gestação, cometerão uma transgressão à Lei de Deus, porque isso impede o espírito de passar pelas provas necessárias à sua evolução, necessitando do corpo em formação como seu instrumento.

36. Quando o nascimento da criança colocar em perigo a vida da mãe, é preferível, por bom senso e na forma da lei, manter a vida da genitora.

37. O aconselhamento direto com os Guias Espirituais é fundamental para que as ações se baseiem sempre na Espiritualidade e na particularidade de cada situação que envolva a formação e desenvolvimento de vida humana.

38. No caso de ocorrer ou ter ocorrido o aborto por decisão de qualquer natureza, a Umbanda jamais condenará os envolvidos, ocupando-se, antes, em acolhe-los e prestar-lhes orientação e conforto espiritual.

DIREITO À INTEGRIDADE PESSOAL

39. A religião de Umbanda defende que a integridade moral e física das pessoas é inviolável.

40. Ninguém pode ser submetido à tortura física ou mental, nem a maus tratos ou penas cruéis, degradantes ou desumanas.

PEDOFILIA / MAUS TRATOS

41. A Umbanda não aceita qualquer forma ou ato que atente contra a integridade física e moral da criança e do adolescente, em especial os casos de pedofilia praticada por todo e qualquer meio, inclusive por internet, assim como as condutas de maus tratos, defendendo que as leis já estabelecidas devam ser aplicadas, nomeadamente, a Convenção dos Direitos da Criança.

42. Pessoas que possuem desvio de conduta em relação às crianças e adolescentes podem estar obsidiadas e necessitam de orientação espiritual e acompanhamento psicológico, além de se submeterem à aplicação das leis civis e criminais pertinentes.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

43. A Umbanda não aceita qualquer forma de violência doméstica, atendendo aos parâmetros da legislação vigente com destaque para os Princípios das Nações Unidas para as Pessoas Idosas, Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres e a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e a Carta das Nações Unidas (O.N.U.), segundo os quais os direitos da pessoa humana devem ser preservados. No âmbito doméstico, a prática do respeito, aceitação das diferenças, e convivência de harmonia devem ser cultivados entre os familiares de todas as idades. As relações sexuais, dentro e fora do casamento ou da união estável devem ser sempre consentidas pelas pessoas envolvidas, sendo que a Umbanda condena qualquer ato sexual obtido mediante violência ou contra a vontade da pessoa.

PRECONCEITO ÉTNICO

44. A Umbanda não aceita o preconceito étnico e racial. O preconceito racial é antes de tudo, uma demonstração de atraso espiritual e desconhecimento das Leis Divinas. Aquele que diminui ou persegue o irmão pela cor da pele ou por qualquer outra característica étnica, viola a regra de ouro presente nas mais diversas tradições espirituais e religiosas: “Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo”.

ORIENTAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO

45. NA Umbanda todo ser humano é visto como irmão espiritual, sendo aceita qualquer orientação sexual e identidade de gênero. Assim, a religião entende e acolhe Espíritos, e não o gênero ou a sexualidade. Discriminação e preconceito não são ensinados pelos nossos Guias Espirituais, posto que a Umbanda acolhe a todos. Desta forma, é fundamental respeitarmos a condição de cada indivíduo: heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, transexualidade e intersexualidade são questões de foro íntimo e pessoal. O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE E NA

UMBANDA

46. A Umbanda defende o direito de igualdade, sendo que a mulher deve ocupar qualquer posição na sociedade e no mercado de trabalho, com o mesmo tratamento, conforme o vertido na Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres.

47. As mulheres na Umbanda estão em todos os níveis hierárquicos, ritualísticos e doutrinários da religião.

CRIANÇAS NA UMBANDA

48. NA Umbanda todas as decisões que digam respeito às crianças devem ter em conta o seu melhor interesse consideradas suas peculiaridades de pessoa em desenvolvimento, em harmonia com o estipulado na Convenção dos Direitos da Criança.

49. A UMBANDA reconhece que a presença das crianças nas sessões é um processo importante na sua própria formação espiritual, assim como para sua educação e assistência religiosas.

50. A Umbanda garante às crianças, o direito de conhecer segundo os preceitos da religião, a mensagem universal da Jesus, com sua magnitude em Deus e nos Sagrados Orixás, através do atendimento mediúnico, do batizado, passes e desenvolvimento. Promovendo o respaldo moral, físico e espiritual contra todas as formas de violência.

51. A Umbanda incentiva a criança para que reconheça desde cedo sua importância, valor e caráter, concedendo-lhe o direito de livre escolha condizente à sua pureza e maturidade às nossas crenças, garantido sempre o seu amparo. É admissível e reconhecida a prática da Evangelização Infantil, a fim de instruir crianças e adolescentes em condutas morais e éticas, além de proporcionar aulas educativas a respeito da Umbanda.

IDOSOS NA UMBANDA

52. A Umbanda defende que os idosos devem ter acesso aos recursos educativos, culturais, recreativos e espirituais da sociedade.

53. Os idosos devem ser tratados de forma justa, independentemente de sua idade, não podendo ser privados do acolhimento dentro da religião e do desenvolvimento mediúnico. 54. A Umbanda preconiza o respeito, o amparo e a assistência aos idosos, no âmbito familiar e social, com base no amor, na caridade, no reconhecimento e na legislação em vigor, em especial nos Princípios das Nações Unidas para as Pessoas Idosas.

DEFICIENTES

55. Na Umbanda, nenhuma pessoa portadora de deficiência congênita ou adquirida, seja de natureza física, sensorial ou intelectual é privada de acolhimento ou desenvolvimento mediúnico.

56. A Umbanda compreende que as deficiências se restringem à carne e não ao espírito, portanto, as limitações do corpo material se tornam nulas, mediante a nossa fé e o Plano Espiritual. Porquanto, como disseminadores de amor ao próximo, não nos cabe desmerecer ou restringir quaisquer que sejam as condições físicas, mentais ou psicológicas de um irmão, pois somos livres de julgamentos e permitimos que todos aqueles que buscam a doutrina umbandista sejam tratados com igualdade e respeito.

57. Aos dirigentes de Templos, de Federações, pede-se privilegiar a acessibilidade, conforme a caridade, o bom senso e as leis vigentes, designadamente, a Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e o Estatuto da Pessoa com Deficiência. Em âmbito internacional segue a Carta das Nações Unidas, que reconhece a dignidade e valor inerentes e os direitos iguais e inalienáveis.

ALCOÓLATRAS E TOXICÔMANOS

58. Todos que recorrem aos Terreiros de Umbanda encontrarão o lado assistencialista. O dependente químico e o alcóolatra devem ser tratados sem preconceito e discriminação, tendo total assistência por parte da Umbanda.

59. A Umbanda respeita à vontade e o livre arbítrio do indivíduo de buscar e aceitar o tratamento espiritual. Nos tratamentos devem ser observados e respeitados o lado

psicológico, a dependência química e a atenção espiritual devem ser fornecidos para o dependente e sua família.

CASAMENTO

60. A Umbanda defende que o casamento deve dar-se por amor e livre arbítrio, onde o casal é orientado e acolhido também espiritualmente. Independentemente, da orientação sexual, etnia, instrução, condição social e religião.

61. Na visão umbandista é irrelevante a heterossexualidade, a homossexualidade, bissexualidade, a transexualidade e a intersexualidade, ou se um dos consortes não professar a religião umbandista. Reservamos a todos, direitos iguais de matrimônio, respeitando a orientação sexual de cada um.

62. A Umbanda compreende que o casamento religioso funciona como base espiritual para a família e tanto o corpo mediúnico quanto a assistência, têm o direito a este sacramento. 63. Na Umbanda, o matrimônio também é assegurado como direito àqueles que já se divorciaram.

DIVÓRCIO

64. Os Guias Espirituais, na Umbanda, não incentivam o divórcio, porém, não compactuam com relacionamentos infelizes, que fazem com que o espírito fique abalado pelo ódio, pelo sofrimento, pelo desrespeito, pela falta de amor que, por muitas vezes, podem causar riscos à integridade física, moral e espiritual de um dos cônjuges ou ao casal, e por consequência, traumatizar familiares, filhos e amigos.

65. O casamento indissolúvel é criação humana, por dogmas religiosos e/ou de ordem social e econômica. Na Umbanda, acredita-se que o carma do casal pode ser breve ou durar uma vida inteira, de acordo com o que sua própria missão espiritual determina, e não se impõe uma convivência de infelicidade ou violência doméstica e sexual.

ADOÇÃO

66. O posicionamento da Umbanda não é apenas favorável, mas também incentivador à adoção.

67. O acolhimento físico, moral e espiritual do adotado, sempre levando em consideração as condições dos pais, é o de respeito, carinho, amor e proteção para o resgate da criança e do adolescente e sua inserção nos princípios de cidadania, favorecendo-o a ser consciente de suas responsabilidades e voltado para a prática do bem. Esse ser humano, bem como aqueles que serão seus pais, precisam da compreensão de sua condição humana e espiritual, devendo exercer a criação e educação do adotado segundo os preceitos da dignidade humana, paternidade responsável e do planejamento familiar, como determina a Convenção dos Direitos da Criança.

68. Acreditamos no mesmo direito por parte de pais e mães heterossexuais, homossexuais, bissexuais, transexuais e intersexuais, pois a amplitude desse ato não se reserva à condição sexual ou de gênero e, sim, ao resgate cármico em condições tanto materiais quanto emocionais para a educação da criança e do adolescente.

PRESERVATIVOS E MÉTODOS CONTRACEPTIVOS

69. A Umbanda apoia o uso de preservativos e métodos contraceptivos, como meios de proteção contra DST (doenças sexualmente transmissíveis) e prevenção de gravidez indesejada. Cada qual deve saber e escolher o momento de gerar um novo ser, que necessitará de amor, compreensão, educação, orientação e discernimento ao longo de sua vida. Nesse sentido, o uso de métodos contraceptivos é um modo de proteger a vida.

70. O uso de contraceptivo é aceito pela religião da UMBANDA, pois respeita o livre arbítrio, o controle de natalidade e o planejamento familiar.

DOAÇÃO DE ÓRGÃOS

71. A Doutrina Umbandista vê com bons olhos a doação de órgãos, em vida e depois da morte, nos limites da legislação vigente em cada país.

72. A Umbanda defende mesmo que a separação entre o Espírito e o corpo físico não se tenha completado, como nos casos de morte cerebral, deste modo a Espiritualidade dispõe de recursos para impedir impressões penosas e sofrimentos ao Espírito doador.

73. A doação de órgãos não é contrária às leis da Natureza, porque beneficia outras pessoas e o próprio espírito do doador em sua evolução espiritual e, além disso, é uma oportunidade para que se desenvolvam os conhecimentos científicos no plano material, colocando-os à serviço de vários necessitados.

74. O mesmo se dá em relação à doação de sangue, medula e qualquer tecido orgânico que venha proporcionar ajuda ao semelhante. A Umbanda, assim como qualquer religião, necessita incentivar a prática de doação para amparar milhões de irmãos necessitados pelo mundo.

CREMAÇÃO

75. A Umbanda não rejeita a cremação.

76. A cremação é legítima para todos aqueles que a desejam, desde que haja um período de, pelo menos, setenta e duas (72) horas de expectativa para a ocorrência em qualquer forno crematório, o que poderá verificar-se com o depósito de despojos humanos em ambiente frio. Esse período é necessário, pois existem sempre muitos ecos de sensibilidade entre o Espírito desencarnado e o corpo onde se extinguiu o tônus vital, nas primeiras horas seguintes ao desenlace, em vista os fluídos orgânicos que o Espírito ainda solicita para as sensações da existência material.

77. O sepultamento ou a cremação nada mais representam para o Espírito, que a desagregação mais lenta ou mais rápida das estruturas entretecidas em agentes físicos, das quais se libertou.

CANDIDATOS À POLITICA NA UMBANDA

78. A Umbanda chama a atenção para o pensamento sobre a política pública participativa. É relevante a construção de organização política, pois só assim, conquistaremos o que é de direito de qualquer cidadão que professa sua fé.

79. A participação do religioso deve ser incentivada através da consciência de institucionalizarmos nossos ideais.

80. Os representantes públicos necessitam comprometer-se com a comunidade religiosa a qual está inserido; deixando seu gabinete aberto para todos os projetos que visam o coletivo religioso.

LIVRE ARBÍTRIO

81. A Umbanda, com sua plenitude, assegura aos indivíduos a sua liberdade e felicidade, não compactuando com a ideologia de “acorrentar” filhos de fé ou adeptos em detrimento da casa.

82. Além disso, não compactua/comunga com o emprego de ameaças e violências psicológicas ou morais para garantir o narrado no tópico anterior.

84. Umbanda preza pela liberdade individual e o direito de “ir e vir” dos adeptos, não interferindo no livre arbítrio dos indivíduos, sendo este, uma das Leis Divinas de nossa religião e da própria espiritualidade. Também não exerce qualquer tipo de violência (moral e psicológica), falseando verdades sobre a liturgia umbandista para restringir o direito de escolha de seus fiéis.

85. A Umbanda aceita os estudos teológicos desde que respeite todas as vertentes a ela atribuída, sem ações tendenciosas que crie conflitos sobre a diversidade existente em seus estudos. Do ponto de vista acadêmico de historiadores e antropólogos entende-se que a absorção do documento Carta Magna de Umbanda é de fundamental importância. A Umbanda por sua miscigenação e pluralidade de interpretações não pode estar presa a ideologias que não coadunam com o respeito aos itens 1- 2-12-13-14 e 15, onde demonstra uma diversidade interpretativa de sua origem e jamais se fixando em um conceito fechado, mas respeitando a todas as formas de entendimento. Ação única desta religião que não se compara a nenhuma outra existente, portanto deve ser classificada por antropólogos por este olhar peculiar da religião de Umbanda que demonstra ser uma grande síntese universal.